

Adosinda de Almeida Garrett

ÍNDICE

ADOSINDA

Advertência dos Editores na terceira edição
Do A. na segunda edição
Ao sr. Duarte Lessa
A Elisa
Cantiga primeira
Cantiga segunda
Cantiga terceira
Cantiga quarta
Notas

ROMANCES RECONSTRUÍDOS (BALADAS):

I. Bernal-Francês
II. Noite de São João
III. O Anjo e a Princesa
IV. O chapim del-rei ou parras verdes
V. Rosalinda
VI. Miragaia
VII. Por bem – As pegas de Sintra
Notas:
– Ao Bernal-Francês
– À noite de São João
– Ao chapim del-rei
– À Rosalinda

ADOSINDA
NA TERCEIRA EDIÇÃO

Publicamos enfim esta nova edição da primeira parte do *Romanceiro*, que vai muito superior às antecedentes, tanto pela correcção como pelos adições importantes que leva.

A de Londres de 1828 continha apenas a *Adosinda* e o *Bernal-francês*; a de Lisboa de 1843 já lhe acrescentou mais quatro romances; na presente há oito.

A sua predilecção por estas relíquias da antiga poesia peninsular tem feito com que, desde a infância até hoje, tenham elas sempre sido a ocupação das suas «Horas de lazer» – *Hours of id/eness*, segundo a irisante expressão de Lord Byron; um quase mealheiro poético em que por intervalos, mas sempre, se vão deitando pequenas quantias até que chegam a formar um tesouro. Este é já um verdadeiro tesouro para os que sabem avaliar a riqueza de uma língua e de uma literatura.

No meio dos trabalhos mais graves, das contrariedades mais apertadas da vida pública, o autor não se tem esquecido do seu mealheiro, que, tornamos e dizê-lo, para nós é tesouro riquíssimo. Se ainda assim o não julga Portugal, saiba ao menos que essa é a opinião da Europa.

Julho 8, 1853.

OS EDITORES.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a *Adosinda* que aqui vai na frente deste volume, cheguei a ter uma bastante colecção dessas trovas e romances populares, xácaras e solaus – designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas espécies e variedades em que se divide o género.

Eram uns vinte e tantos havidos pela *tradição oral* do povo, quase todos coligidos nas circunvizinhanças de Lisboa pela indústria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma jovem senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do ano seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte correctos, anotados – e colacionadas as principais das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rapsodista destes que sabe a sua xácara, a repete a seu modo, e sempre diferente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo também muito particular e muito prezado, o sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante aplicação a mais graves estudos, cultivando a literatura e as artes, cujas obras apreciava com tacto finíssimo e zelava com fervor patriótico, porque entendia – e bem o entendia! – que elas são o espírito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha ele adquirido em Londres vários livros e manuscritos que haviam sido do célebre português o Cavaleiro de Oliveira, aquele que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haia para abraçar a comunhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os últimos anos da sua vida, quase unicamente da caridade de seus novos correligionários.

Havia entre esses livros um exemplar da *Biblioteca* de Barbosa, encadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escritas estas, assim como as amplas margens do fólio impresso, de letra muito miúda, mas muito clara e legível, com anotações, comentários, emendas e adições aos escritos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fora feito depois da publicação das suas *Memórias*, porque a miúdo se referia a elas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retratando o que lá dissera.

Nos artigos *D. Dinis, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel*, e em vários outros que vinha a propósito, as notas manuscritas citavam, e transcreviam como ilustração, muitas copias, romances e trovas antigas – e até profecias, como as do Bandarra – fielmente copiadas, asseverava ele, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Holanda e em Portugal, franqueados uns por judeus portugueses das famílias emigradas, outros havidos das preciosas colecções que dantes se conservavam com tão louvável cuidado nas livrarias e cartórios dos nossos fidalgos.

Foi-me logo confiada a Inestimável descoberta; percorri com avidez aquelas notas, examinei-as com escrupulosa atenção, e, extratando uma por uma quantas copias, cantigas e xácaras achei, completas e incompletas, acrescentei assim os meus haveres com umas cinquenta e tantas peças, delas anónimas e verdadeiramente tradicionais, delas de autor conhecido e que nas edições de suas obras se encontram, – tais como Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Rodrigues Lobo – mas que diferiam das impressas, consideravelmente às vezes, muitas até na linguagem da composição, pois que algumas ali achei em português, e manifestamente antigo e da respectiva época, as quais só andam impressas em castelhano.

Com este auxílio corriji de novo muitos dos exemplares que já tinha, e completei

alguns fragmentos que já desesperara de poder vir nunca a restaurar. E tomando para modelo as estimadas colecções de Elis e do bispo Percy, e das suas fronteiras de Escócia por Sir Walter Scott, comecei a dar novo método e mais amplos limites à minha compilação que ao princípio intitulara *Romanceiro português*.

O longo e mais sério trabalho que por esse tempo empreendi no meu trabalho geral *Da Educação*, cujo primeiro volume se publicou em Londres em 1829, me fez relaxar naquelo outro: depois os cuidados políticos e alguns oficiais, o complemento e impressão de outra obra de mais grave assunto, o *Portugal na Balança da Europa*, que foi impresso no ano seguinte, 1830,—talvez alguma inconstância de autor, bem desculpável naquela tarefa, tão tediosa às vezes, de colacionar, estudar e explicar textos já viciados da ignorância do vulgo por cujas bocas e memórias andaram, já de outra ignorância mais confiada e mais corruptora ainda, a de copistas presunçosos de letrados e de castigadores do que eles supõem vício.

Contudo, e apesar daquelas e de outras ocupações e distrações, eu sempre voltava de vez em quando ao meu *Romanceiro*, e o tinha bastante adiantado, quando nos fins, de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de ciência ou recriações literárias para me alistar no exército da Rainha, e embarcar para os Açores. Em janeiro de 1832 saí de Paris comi praça de simples soldado, consegui por este modo tomar minha humilde parte naquela expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto empenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hão-de parecer incríveis, e que eles hoje negariam a pés juntos, se fosse possível negar o de que há tantas testemunhas e tantas vítimas ainda vivas, tantos documentos que hão-de durar mais que elas.

A minha curta estada nas ilhas foi empregada quase toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que ali se procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e à dura necessidade de me achar eu único ali que tivesse estudado aquelas matérias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolência dos acaparadores que já na esperança estavam devorando as ruínas de Portugal a que almejavam chegar — pelos esforços e risco alheio — não por certo para meditar sobre elas como outros Mários — oh que Mários! — mas para as revolver e vasculhar como Alaricos...

Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores: lisonjeio-me de lho merecer: davam-se ao incómodo de me intrigar; e era desperdício de tempo e de arte, porque não há mister intrigas para tirar favor de príncipes a quem, como eu, os aprecia muito e se honra muito deles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrifício para os conservar; jamais soube, em tantas oportunidades, convertê-los em nenhuma *consequência legítima*; nunca, nem o mais indirectamente que é possível, tratou de os consolidar em nenhuma realidade utilitária e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu mas as coisas, —que pelos tempos em que vivemos tão baralhado anda tudo; que até a história literária e poética se confunde com a dos sucessos e relações políticas.

Desse tão pouco e tão ocupado tempo permitiu contudo o acaso que alguns instantes se pudessem aproveitar em benefício do pobre *Romanceiro*, que ali ia também, o coitado, na expedição, encolhido e amarrotado na mochila de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar à inaudita honra de seu ilustre predecessor, o *Cancioneiro* de Resende, que serviu de Evangelho para jurar aquele rei gentio. — Havia pouco por ali quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irmã apareceram sabendo vários romances que eu não tinha, e muitas variadas lições de outros que eu sim tinha, porém mais incompletas. Assim se aditou

copiosamente o meu *Romanceiro*.

Mas este achado fez mais do que enriquecer, salvou-o: porque, ao partir para S. Miguel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em glória, que desejava distrair com essas curiosidades que ela entendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantíssima de que era dotada, alguma hora das tantas em que já lhe pesavam duramente as moléstias do último quartel da vida... Moléstias agravadas de muita aflição e cuidado – nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem – todos a adoramos e honramos sempre –mas que lhe dávamos, contudo, pelas circunstâncias fatais da época e das confusões políticas em que andávamos metidos.

Os meus outros papéis, trabalhos de história consideráveis, fruto de longas visitas ao Museu-real de Londres e à riquíssima livraria portuguesa do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragédia, que tinha sido julgada valer alguma coisa pelos que a viram—era o assunto o Infante-Santo em Fez; – um largo poema com pretensões, antes desejos, de ser Orlando, já em trinta e tantos cantos – e prometia crescer! – cujo assunto era o *Magriço* e os seus *Doze*; – o segundo volume do tratado *Da Educação* pronto a entrar no prelo: – quatro livros ou cantos de um romance ou poema – cabia-lhe uma e outra designação—a que dava tema a interessante e romanesca legenda da fundação da Casa de Meneses – pedido de minha boa irmã que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juízo, mas gosto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome ilustre de seu pai: – uma quantidade imensa de estudos e trabalhos sobre administração pública; – tudo isso veio comigo para S. Miguel e aí o deixei ao embarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas malas, e o lugar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. Daí me vinha, com outros valores mais substanciais, e se perdeu tudo em um navio que afundaram as balas inimigas à entrada do Porto nos derradeiros dias desse mesmo ano de 1832.

Descansem em paz no amigo lodo do meu pátrio rio! Noutros lodaçais piores teriam de cair talvez se escapassem: o da indiferença pública que porventura mereciam, o de muitos odiosinhos e invejzinhas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e inocente ânimo, como sempre têm sido os meus.

Assim fossem todos!

Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosamente escapado *Romanceiro*, ainda não passei verão que lhe não desse algumas das horas descuidadas que naquela quadra ou se hão-de dar a estas ocupações mais leves ou a nenhuma. E nestes oito anos tem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes, a alguns dos quais nem posso ter o gosto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da *Adosinda*, me remeteram anonimamente pelo correio o fruto de suas colheitas. A principal parte de um belo, um dos mais belos que já mais vi em colecção alguma nacional ou estrangeira e que hoje enriquece o meu *Romanceiro*, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respigos ajuntados nesta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que ele teve a bondade de me confiar, veio dar-lhe o complemento que faltava e restituir à perfeição em que hoje está. É um romance de origem visivelmente francesa, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta – uni tanto diversa das crónicas antigas e do elegante poema de *Millevoix*, a história do secretário Eginard e da muito bondosa filha do senhor e amo o poderoso imperador Carlos Magno. Os nossos Scaldos vulgares lêem hoje... não lêem tal, mos repetem *Gerinaldo*, corrupção do que ao princípio foi Eginardo, adoçados em *ll os rr* franceses, como se fez em Giraldo, Reginaldo, antigamente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de lá vieram tão duros ou mais.

Mencionei este exemplo entre muitos por cair em coisa notável, e para se ajuizar

dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa, que foi ultimamente cônsul francês no Porto e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832-33 uma pequena colecção de xácaras portuguesas de que também me aproveitei. Mas o incansável colector a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscípulo o sr. dr. Emídio Costa, advogado nesta corte e há pouco falecido, que generosamente me confiou a sua larga colecção principalmente feita nas duas Beiras, naquele verdadeiro coração e âmago do Portugal primitivo que ocupa a região dentre Lamego e Serra da Estrela.

O sr. Rivara, bibliotecário em Évora, o meu velho amigo o sr. M. Rodrigues de Abreu, bibliotecário em Braga, o meu antigo e fiel companheiro o dr. J. Eloi Nunes Cardoso, de Montemor-o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um *dos cultos* de Seiscentos, na Casa Real de Apolo, por doutor e trovador também, – todos estes cavalheiros me têm ajudado com indicações, livros, folhetos antigos e cópias laboriosamente escritas sob o ditar dos rústicos depositários das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustin Duran sobre os Cancioneiros e Romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis anos depois, veio ilustrar-me em muita dúvida e ajudar-me a classificar muita coisa difícil. A nova e aumentada edição do sr. Ochoa, impressa em Paris em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e comércio literário que temos com a França, algum tanto me auxiliou também. A tradução elegante de Mr. Lockart que naquela tão linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu à língua e à nação inglesa a mais poética e romântica ideia que jamais será possível dar a um povo estranho e em idioma estranho das imensas riquezas do *Nibelungen* peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinária importância e valia que este género de coisas está merecendo à Europa culta.

O sr. Herculano, bibliotecário da Real biblioteca da Ajuda, com' cuja provada amizade me honro tanto quanto a nação deve gloriar-se de seus escritos, também me tem ajudado não pouco com os preciosos achados que, no seu incessante lavar das minas arqueológicas, tem encontrado e repartido comigo. Por seu favor tornei a examinar, no Ms. original, o famoso *Cancioneiro* dito *do Colégio dos Nobres*, hoje na biblioteca real; e com estas e com as colecções alemãs e francesas, e creio que com quase todas as dos povos do Norte, tenho colacionado as nossas rapsódias populares, muitas das quais por este modo vim a conhecer visivelmente, que tinham a mesma comum origem. Os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard sobre a língua romance ou provençal me alumiarão muita vez nesta obscura e enredada tarefa.

A interessante e conscienciosa memória do dr. Bellermann impressa em Berlim em 1840, e o conhecimento de que a sociedade alemã para reimpressão dos livros raros estava publicando em português o nosso *Cancioneiro* de Resende; o interesse geral que hoje se tem desenvolvido no mundo pela literatura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares – interesse, que, por fim e enfim, há-de vir a reflectir em nós também, e despertar-nos para abrir os olhos às riquezas próprias, ainda que não seja senão pelas ver tão prezadas de estranhos – os conselhos e rogos do meu particular amigo e quase compatriota nosso, o sr. João Adamson, tudo isto me fez alargar mais o plano da minha obra e colecção.

Resolvi, sob nova denominação de *Romanceiro e Cancioneiro Geral*¹, reunir todos os documentos que eu pudesse para a história da nossa poesia popular, desde onde

¹ Alterou-se este plano; só se trata por agora do *Romanceiro*.

memórias ou conjecturas há, até à época actual, acompanhando-os de explicações e glossas, que vão servindo de nexos, que sejam como a liaça, o nastro que ate estes pergaminhos.

Quem não tem olhado senão à superfície da nossa literatura, quem cego do brilho clássico das nossas tantas epopeias, seduzido pela flauta mágica dos nossos bucólicos, entusiasmado pelo estro tão rico e variado dos inumeráveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epístola e do soneto, rivalizam, e tantas vezes lutam de vantagem com o próprio Petrarca: quem, sobretudo, – porque nesse género é a musa portuguesa superior à de todas as línguas vivas – adora em Sá de Miranda, Ferreira, Dinis, Garção e Filinto o génio redivivo de Horácio e de Píndaro – não crê, não suspeita, há-de ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo dessa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprezo morria, outra literatura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a tiranizada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços deles para lhe obliterarem e confundirem o carácter primitivo, resistia na servidão com aquela força de inércia com que uma raça vencida, com que a população aborígene de um país resiste a igual empenho de seus conquistadores que lhe usurparam a dominação, e que séculos e séculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aqueloutros com o que seus próprios senhores lhes ensinaram, regenerados por seu longo martírio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassalar, os seus antigos opressores.

É a história de todos os povos, e por consequência de todas as literaturas.

É a história literária de Portugal no segundo quartel deste século; é o que foi esta reacção vulgarmente chamada *romântica*, mas que não fez mais do que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma coisa pode ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o para quê, fiz a colecção de que este volume é a primeira parte, ou mais exactamente a introdução, e que apenas contém o que eu, à minguia de melhor nome, designarei com o título de *Romances da renascença*: são os que ressuscitei e como que traduzi das quase apagadas e mutiladas inscrições que desenterrei da memória dos povos.

Os textos originais destes, restituídos quanto é possível, os de muitos outros que apareceram menos imperfeitos na mesma escavação, muitíssimos que se têm achado em livros e papéis desprezados hoje e em colecções Mss., estão prontos, classificados, anotados, e sairão em seguimento deste volume, apenas o permitam as dificuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos suspensão indefinida a toda a ocupação literária propriamente dita, para absolutamente me dedicar, enquanto posso e valho, à conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são *Vinte anos da História de Portugal*, período que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se já anda mais enredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros séculos da monarquia.

Espero começar a publicá-lo no fim deste ano ²; e nenhum tempo ou lugar me sobrá portanto para mais nada. O *Romanceiro*, porém, e *Fr. Luís de Sousa*, estão prontos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o público.

Lisboa, 12 de Agosto de 1843.

² Dez anos são passados e a promessa nem começou a cumprir-se (1853). Supomos o A. receoso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporâneo.

AO SR. DUARTE LESSA ³

Eis, aí vai, meu amigo, o romance em que lhe falei numa das minhas últimas cartas de Portugal. Estava quase todo copiado; e aqui nem paciência nem tempo me chegavam para as muitas correções e alterações que ele precisava; por limar lhe vai, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor para quem gostar de dizer mal, que não faltará de quê.

Creio que é esta a primeira tentativa que há dois séculos se faz eu, português de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão neste género de versos pequenos *octossílabos*, ou de redondilha como lhe chamavam dantes os nossos. No meu resumo da história da língua e da poesia portuguesa, que vem no primeiro volume do *Parnaso Lusitano* impresso ultimamente em Paris, – a só coisa minha que há naquela colecção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e sistema da obra me transtornaram e me enxovalharam tudo com notas pueris, ridículas, e até malcriadas algumas, nesse resumo toquei de leve, e em tudo o mais, sobre a beleza destes nossos versos *octossílabos*, que nos são próprios a nós espanhóis, tanto portugueses como castelhanos, e para certos assuntos e certos géneros, de poesia, mais adequados do que nenhuma outra espécie de ritmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Península os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi com efeito ele o primeiro que nas duas línguas cultas das Espanhas compôs dos tais versos endecassílabos mas é certo e além de toda a dúvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castela, e logo de Sá de Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aqueles nossos metros primitivos a cair em mais desuso, a não se empregarem senão em certo género de poesia ligeira ou, segundo lhe os Franceses chamam, *fugitiva*, Francisco Rodrigues Lobo e muito depois D. Francisco Manuel de Melo ainda neles fizeram romances históricos; Violante do Céu muitas das suas lindas e agora tão apreciadas poesias; ainda se fizeram posteriormente églogas, e o que os poetas da *Fénix Renascida* e campanudos vates das mil e uma Academias do século XVII e XVIII chamavam *romances* – que certamente não era o que hoje estritamente se entende por este nome. Em tempos mui posteriores, felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparável Tolentino na Sátira, e no tão facetado e delicadíssimo seu próprio e privativo género da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do princípio, e, para assim dizer, do primeiro balbuciar da nossa língua, nos foi comum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram comunhão com a língua provençal, primeira culta da Europa, depois da invasão setentrional, foi seguramente o romance histórico e cavalheiresco, ingénua e rude expressão do entusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos ensinaram modos mais cultos porém menos originais e menos cunhados do selo popular: era coisa mais de corte. E como tal não pôde absorver, senão modificar, o que brotara espontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e deram assim à poesia portuguesa um carácter talvez único no mundo, – nas Espanhas decerto.

Em geral a poesia da Meia-Idade, singela, romanesca, apaixonada, de uma espécie lírica-romântica que não tem tipo nos poetas antigos, conquanto deixou seu cunho impresso no carácter das línguas e poesias modernas de' todo o sul e ocidente da Europa, não teve contudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçoou nunca mais, quase desde o completo triunfo dos clássicos, senão agora recentemente depois que as baladas de Bürger, os romances poéticos de *sir W. Scott* e alguns outros ensaios ingleses e alemães, mas principalmente os do famoso escocês, introduziram este gosto e o fizeram

³ Serviu de prefácio à primeira ed. de Londres no ano de 1828.

da moda. Fatigados do grego e romano em architecturas e pinturas, começamos a olhar para as belezas Westminster e da Batalha; e o apetite embotado da regular formosura a dos Panteões e Acrópoles, começou, por variar, a inclinar-se para as menos clássicas porém não menos lindas nem menos elegantes formas da architectura e da escultura gótica.

Sucedeu exactamente o mesmo com a poesia; enfastiados dos Olimpos e Gnidos, saciados das Vénus e Apoios de nossos pais e avós, lembramo-nos de ver com que maravilhoso enfeitavam suas ficções e seus quadros poéticos nossos bis e tetravós; achamos fadas e génios, encantos e duendes, – um estilo diferente, outra face de coisas, outro modo de ver, de sentir, de pintar, mais livre, mais excêntrico, mais de fantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda; arte mais fina, gosto mais delicado e de engenhos mais cultos o soube empregar habilmente, (declarar noutra civilização. A poesia romântica, a poesia primitiva, a nossa própria que não herdamos de Gregos nem Romanos, nem imitamos de ninguém, mas que nós modernos criamos, a abandonada poesia nacional das nações vivas ressuscitou bela e remoçada, com suas antigas galas porém melhor talhadas, com suas feições primeiras porém mais compostas. É a mesma selvática, ingénua, caprichosa e aérea virgem das montanhas que se apraz nas solidões incultas, que vai pelos campos alumiados do pálido reflexo da lua, envolta em véus de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das cores indistintas que nem oculta nem patenteia o astro da noite; – a mesma beldade misteriosa que frequenta as ruínas do castelo abandonado, da torre deserta, do claustro coberto de era e musgo, e folga de cantar suas endechas desgarradas à boca de cavernas fadadas – por noite morta e horas aziagas. É a mesma sem dúvida: porém o gosto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a liturgia, modificou os ritos e os acomodou para espíritos e ouvidos costumados aos hinos, menos variados porém mais cadentes, da antiguidade clássica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porém muito mais amável e encantadora a nossa poesia primitiva assim ressuscitada agora.

Muito antes do nomeado escocês, já tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da teogonia de Hesíodo: – mas a própria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestréis, sem questão nem disputa só Walter Scott a fez popular e geral na Europa. – Com ela se restauraram também os metros simples e curtos que mais naturais são ao estilo cantável, essencial às composições daquele género.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro próprio e natural de nossa língua para este género de poesia, e para todos os géneros populares, não era o endecassílabo, o que dizemos vulgarmente heróico. Os portugueses são uma nação poética, a sua língua naturalmente se presta e espontânea se oferece às formas e cadências métricas; os nossos mais rudos camponeses improvisam em seus serões e festas com uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observa-se que o metro destes improvises é sempre sem excepção alguma, o de redondilha de oito sílabas, rara vez o da endecha; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou ditos de arte maior. A causa é óbvia; aquella é a medição mais natural que lhe oferece a música da língua.

Entre as canções antiquíssimas conservadas nos dois *Cancioneiros*, o do *Colégio dos Nobres* (impresso por *sir* Charles Stuart em Paris) e o de Resende, há muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou *xácaras*, que por tradição imemorial se conservam entre o povo, principalmente nas aldeias, todos são no metro octossílabo ou em endechas. Logo direi aqui alguma coisa mais devagar sobre estas curiosíssimas, e tão desprezadas mas tão interessantes,

reliquias da nossa arqueologia.

O género romântico não é coisa nova para nós. Não falo em relação aos primeiros séculos da monarquia: restam-nos ainda *espécimens* das Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, del-rei D. Pedro Cru, mas são antiquíssimos documentos decerto. As trovas dos *Figueiredos*, apesar de tão suspeito testemunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção íntima, que são das mais antigas composições poéticas da língua que chegaram até nós. Não aludo porém a épocas tão remotas e incultas. Depois de introduzido o gosto clássico por Sá de Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singelas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lira de Horácio e a fruta de Teócrito para tocar o alaúde romântico dos menestrais. O próprio autor dos *Lusíadas* nas canções, que, depois daquela, são sua melhor composição, para meu gosto, nessas canções tão belas e tão profundamente sentidas, tão repassadas de melancolia suavíssima, em alguns episódios dos mesmos *Lusíadas*, foi todo romântico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues Lobo, segundo já observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo *Pastor peregrino*, pela *Primavera*, e nos seus romances mouriscos e históricos, é iminentemente romântico. Tal é Jerónimo Corte Real no *Naufrágio de Sepúlveda*, quando o deixam com a natureza e lhe permitem ter *senso comum* as loucuras mitológicas com que perdeu tão bem escolhido assunto, tão belas cenas.

Deixando outros muitos, dos quais o menor exame facilmente mostrará o mesmo; citarei aquele romancezinho de *Gaia* e do *Rei Ramiro*, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papéis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extinção dos Jesuítas, e pelos esforços da benemérita Arcádia se restauraram as belas letras e a língua, e o verdadeiro gosto poético afugentou os *Acrósticos* e os *Labirintos* seiscentistas, o género clássico ressuscitou mais puro e tão belo nas odes do elegante e puro Garção, do altissonante Dinis, do sublime Filinto, do numeroso Bocage, do clássico Ribeiro dos Santos, do ingénuo Maximiano Torres, do galantíssimo Tolentino, do filósofo Caldas, mas o género romântico injustamente envolvido na proscrição do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguém curou dele, julgaram-no sem o entender, condenaram-no sem o ouvir.

No meu poemazinho do *Camcies* aventurei alguns toques, alguns longes de estilo e pensamentos, anunciei, para assim dizer a possibilidade da restauração deste género que tanto tem disputado na Europa literária com aqueloutro, e que hoje coroado dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vai de par com ele, e não direi vencedor, mas também não vencido.

Dona Branca, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alaúde do trovador desafiou a lira dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz sucesso.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a literatura portuguesa o género romântico, nem me apresento agora com este romancezinho ao público português a pedir privilégio da invenção ou patente de introdução. Se reclamo aqui prioridade é somente em ter instaurado as antigas e primitivas formas métricas da língua em uma espécie de poesia que também foi a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa em torno da qual nos reuníamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio-cantadas, meio-rezadas, estas xácaras e romances populares de maravilhas e encantamentos, de lindas princesas, de galantes e esforçados cavaleiros. A monotonia do canto, a singeleza da frase, um não sei quê de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tão profunda impressão e me enlevava os sentidos em tal estado

de suavidade melancólica, que ainda hoje me lembram como presentes aquelas horas de gozo inocente, com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo ⁴.

Veio outra idade, outros pensamentos, ocupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, aflições – tudo o que compõe a variada teia da vida, – e da minha tão trabalhosa e trabalhada vida! – tudo isso passou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso – e as noites da minha infância e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Lendo depois os poemas de Walter Scott ou, mais exactamente, suas novelas poéticas, as *Baladas* alemãs de Bürger, as Inglesas de Burns, comecei a pensar que aquelas rudes e antiquíssimas rapsódias nossas continham um fundo excelente e lindíssima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em Paris fui ver o *Cancioneiro do Colégio dos Nobres* na defeituosa edição de Sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Resende: no primeiro nada, no segundo pouco achei do romance histórico ou narrativo. Desta última espécie não há impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri à tradição: estava então eu fora de Portugal: estimulava-me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que nesse género iam aparecendo todos os dias na Inglaterra e França, mas principalmente em Alemanha. Uma estimável e jovem senhora de minha particular amizade – a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance – foi quem se incumbiu de me procurar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia bárbara, que a grande custo se arrancou à Ignorância e acanhamento de *amas secas* e lavadeiras e sabias velhas, hoje principais depositárias desta arqueologia nacional – galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessário esgravatar como o *pullos gallinaceus* de Fedro, – alguma coisa se pôde obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memórias por onde passou; mas enfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rapsódias, ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo estilo, mas de conhecida diferença em antiguidade, todavia remotíssima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que engracei mais: e para lhe dar amostra do modo porque o fiz, adiante copio um dos mais curiosos ⁵, ainda que não dos menos estropeados, e com ele o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da história e conservando, quanto era possível, o tom e estilo de melancolia e sensibilidade que faz o principal e peculiar carácter destas peças.

A minha primeira ideia foi fazer uma colecção dos romances assim reconstruídos e ornados com os enfeites singelos porém mais simétricos da moderna poesia romântica, e publicá-la com o título de *Romanceiro português*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade literária tão interessante, e de que talvez só a língua portuguesa, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quase todas sei, e de todas creio, que se não pode dizer tal ⁶.

Mas sobreveio tanta interrupção, tanta distracção de variado género, mortificações, cuidados, trabalhos mais sérios: enfim desisti da empresa.

⁴ O Sr. Duque de Ribas, bem conhecido na Europa hoje, tomou para epígrafe de seu *Moro esposito* este parágrafo da presente carta: não me desvanço por mim; mas dá-me gosto que precedêssemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Espanhas. *Ed. de 1813.*

⁵ É o do *Bernal-Francês*.

⁶ É o pensamento que agora se realiza.

Já tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal lembrando-me sempre de vez em quando este empenho tão antigo e tão fixo; e a ocasião a fugir-me. Uma circunstância fatal e terrível me fez voltar às minhas queridas antigualhas. Lançado numa prisão pela maior e mais patente injustiça que jamais se ouviu ⁷, voltei-me, para ocupar minha solidão e distrair as amarguras do espírito, aos meus romances populares, que sempre comigo têm andado, como uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguém mais, de que muita gente rirá, mas que eu aprecio, e me ponho às vezes a contemplar, e a estudar como um antiquário fanático a quem se vão as horas e os dias diante dum tronco de estátua, dum capitel de coluna, dum pedaço de vaso etrusco, dum bronze já carcomido e informe, desenterrado das ruínas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Rafaéis e Miguel-Ângelos não fez o estudo desses fragmentos que despreza porque mais não entende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando mágoas e distraíndo pensamentos. – Tinha eu começado a ajeitar outro romance que originalmente se intitula *A Silvana*, cujo assunto notável e horroroso exigia suma delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnância ou indecência. Era nada menos que uma nova Mirra, ou antes o inverso da trágica, interessante, mas abominosa história da mitologia grega; é um pai namorado de sua própria filha! A filha jovem, bela, virtuosa, santa enfim. – A dificuldade do assunto irritou o desejo de lutar com ela e vencê-la se possível fosse. Dava larga o tempo, pedia extensão a natureza dos obstáculos; o que fora começado para uma xácara, para uma cantiga, ou, como lhe chamam Alemães e Ingleses para uma *balada*, saiu um poemeto de quatro cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são tais coisas. Mudei-lhe o título e chamei-lhe *Adozinda*, que soa melhor e é português mais antigo. O fundo da história, as circunstâncias do desfecho dela são conservadas do original; o ornato, o mecanismo do maravilhoso é outro mas acomodado, creio eu ao género e à índole do assunto.

Mando-lhe aqui também uma cópia do romance original para ver e combinar. É dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têm mais visíveis sinais de vetustade quase imemorial ⁸.

Ora eis aqui, meu amigo a história e origem da minha *Adosinda*, gerada no exílio, nascida entre sustos, criada na miséria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memórias que me lembra, pelas afecções que me desperta. – Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compus, os intervalos tão longos em que o deixei! – até o nascimento e a morte de uma filha única, tão querida e para sempre chorada!...

Adeus, meu amigo: não sei o que aí vai escrito, nem como. São ideias sem nexos, pensamentos desatados, coisas à toa como o espírito de quem as escreve. Leia-as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos disso, – do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apoteoses como a Homero, me punha a corrigir, nem sequer a rever o que aí vai escrito, quer prosa quer versos ⁹.

⁷ O autor esteve por espaço de três meses preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessárias. Não foi preso o censor, nem proibida a publicação, nem no fim de três meses se achou matéria de culpa! *Ed. de 1828*. – O jornal era o *Português*, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em estilo ainda não foram imitadas. *Ed. de 1843*.

⁸ É a *Silvaninha*.

⁹ Corrigiu-se contudo agora esta carta para a presente reimpressão, porque escrita muito à pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. *Ed. de 1843*.

Londres, 14 de Agosto de 1828.

A ELISA

Campolide, 11 de Agosto de 1827.

*Thus, while I ape the measure wild,
Of tales that charmed me yet a child,
Rude though they be, still with the chime
Return the thoughts of early time;
And feelings, roused in life's first day
Glow in the line, and prompt the lay.*

WALTER SCOTT.

Campo da lide é este; aqui lidaram,
Elisa, os nossos quando os nossos eram
Lidadores por glória, – aqui prostraram
Soberbas castelhanas, e – venceram;
Que pelo rei e pátria combatendo
Nunca foram vencidos Portugueses.
– Este terreno é santo; inda estás vendo
Ali aqueles restos mal poupados ¹⁰
Do tempo esquecedor,
Dos homens deslembrados;
Nobres relíquias são de altas muralhas
Forradas já de lúcidos arneses,
De tresdobradas malhas.
Talvez flutuava ali naquele canto,
Soberbo e vencedor
Das Quinas o pendão vitorioso;
E juntos ao redor
Desse paládio augusto e sacrossanto,
Invencível trincheira lhe faziam
Toda a flor dos mais nobres e esforçados;
Que à voz da pátria (voz que nunca ouviam
Sem sentir redobrados
Do nobre coração os movimentos)
Heróis são todos, fácil a vitória,
Fáceis as palmas que lhe enfeixa a glória.

Ah! – paremos aqui: – vê quais na frente
As artérias violentas me rebatem:
Febil, descompassado corre e ardente
E me angustia o sangue... – Ah! sim paremos
Aqui... Não, aqui não; esse outeirinho
Depressa o descemos.
Faz-me bem esta vista: – essas arcadas ¹¹
Soberbas, elevadas,

¹⁰ Ruínas de fortificações antigas em Campolide. V. nota no fim.

¹¹ Aqueduto das Águas Livres. V. notas no fim.

Que uniram monte a monte e serra a serra,
 Acaso não serão
 Tão ilustres talvez, – não lembram guerra,
 Glória não lembram; nem com sangue lívido
 A morte da vitória companheira
 Para o erguido padrão
 O cimento amassou.
 Um rei que amou as artes, rei pacífico,
 A quem amor fadou
 Que se eu fosse e das musas, – que fugidas,
 Da pátria há tanto, à pátria as volveria;
 Do povo à utilidade
 Este sublime monumento erguia
 Para a posteridade
 Isto só lhe apurou o nome e a glória,
 E lhe ganhou as páginas da história.

Inda é muita opressão; inda me acanha
 Tanta arte humana o coração no peito.
 Tão grandes massas, fábrica tamanha,
 Absorto deixarão – mas satisfeito
 O ânimo, os sentidos?... Não, Elisa,
 Não satisfaz ao homem a arte humana;
 Por mais que ela se ufana,
 Que aos abismos o centro oprime e pisa
 C'os fundamentos de eternals pirâmides,
 Ou c'os erguidos vértices
 Às nuvens rasga o seio tempestuoso.
 Nem assim: – à tristeza ou à alegria,
 E àquele estado de inefável gozo
 Que entre a dor e o prazer a alma suspende
 Brandamente e se diz *melancolia*,
 Oh! nada disso o excita.
 Oh! nada disso o coração entende!
 Oh! nada disso o espírito nos move
 Se a natureza, a pura natureza
 Por sua ingénua atracção nos não comove.
 Posso admirar o homem e a grandeza
 De suas nobres feitura,
 Mas somente admirar;
 Mais não pode excitar
 Mesquinha criação de criaturas.

Vamos por essa encosta
 Subindo. – Eu gosto do alto das montanhas,
 Dos picos das erguidas serranias,
 O avaro à terra mãe abra as entranhas,
 Cave ouro e crimes, com que encurte os dias
 Seus e dos seus, e a sombra da virtude
 Acabe de varrer da face dela.

Mas o que, em paz comigo e co'a existência,
 Ainda ama a inocência,
 Inda se apraz co'a natureza bela,
 A seus quadros sorri, com seus dons goza,
 Oh! esse venha ao cume do alto monte,
 Venha estender a vista saudosa
 Pelo vale que à falda lhe verdeja,
 A messe que loureja,
 E a despenhada fonte
 Que vai garrula e trépida saltando
 Té que se junta em cava pederneira.
 Donde sai, o arco-íris imitando
 Na espadana da férvida cachoeira.
 Venha na solidão – e o só dos montes
 É mais só que nenhum, – o silencioso
 Mais augusto, solene e majestoso!
 Venha na solidão
 Consigo conversar, falar um'hora
 Com o seu coração.
 – Quantos há que anos longos hão vivido
 C'os outros sempre, sempre c'os de fora
 Sem viverem consigo nem um dia,
 Nem um momento só!
 Tenhamos deles dó;
 Viver não... têm apenas existido.
 Tua meiga companhia
 É doce, Elisa; e sempre na minha alma
 Foi teu brando falar – e quantas vezes! –
 Celeste orvalho que abrandou a calma
 De paixões, que adoçou o agro a revezes:
 Porém a minha solidão querida,
 De vez em quando, lá quando alma o pede,
 Oh! não ma tirem que é tirar-me a vida.
 Agora conversemos: eu ignoro
 A arte das vãs palavras que bem soam;
 Oiço-as, e não demoro
 No ouvido os sons que de per si se escoam.
 O sol declina ; – temos largamente
 Hoje filosofado.
 Na viva flor da idade e da saúde
 Nem de todos seria acreditado
 Que tão suavemente
 Em austeras conversas de virtude
 Nos fosse o tempo. – Crê-me, Elisa amável,
 Tem muito mais prazeres a amizade
 E mais doces que amor:
 Para todos os sexos, toda a Idade,
 Em todo o tempo a mesma, sempre afável,
 Sem o cancro roedor
 Do ciúme voraz que no mais puro

De amor, no mais seguro
 Suas raízes venenosas lança,
 E co'a mais branda flor
 Seus mordentes espinhos lhe entrança.

Detestemos, Elisa, essa funesta
 Paixão brutal que a tudo e em tudo dana,
 Da virtude a tirana:
 Não nos Iluda a tão comum cegueira;
 Detesta o crime quem amor detesta.
 Crimes! – vê a amizade prazenteira,
 Que nenhuns tem; – e amor, ai! quantos, quantos?
 Honras perdidas, tálamos violados,
 Os vínculos mais santos
 Dos homens e de Deus, da natureza,
 Da própria natureza – espedaçados
 Por esse amor, que era tocha acesa
 Do vivo fogo traz do Averno imundo
 Para de crimes abrasar o mundo.

Honesto, justo, santo, consagrado,
 Nada respeita: – o sangue, o altar em meio
 De seus desejos não é termo ou freio;
 Não há pomo vedado
 No Éden da virtude
 Que a mão perversa e rude
 Tocar não ouse, – árvore da vida
 Que dos grifos mordida,
 Em peçonha de morte não converta,
 E a seiva salutar já corrompida
 Em letal benefício não perverta.
 Lembra-te aquela história
 Que ingénuo o povo em seus trabalhos canta,
 E de longa memória
 Entre eles perpetuada,
 É singela legenda de uma santa,
 Que por brutal amor sacrificada,
 Desvalida virtude,
 Só do crime escapou no seio à morte?
 Eu a canção magoada
 Em verso menos rude,
 Mais moldado verti, dei novo corte
 Ao vestido antiquíssimo, à simpleza
 Que há séculos lhe deu
 De nossos bons maiores a rudeza.
 Sereno está o céu,
 Tranquilo o vento, a calma descaída;
 E, pois que não te enfada
 A singela toada
 Do bardo alaúde que sem arte soa

E a rima desgarrada
Da popular canção rústico entoa, –
Aqui ta cantarei; ouve: e se ao pranto
Te comover a saudosa endecha,
Na selvagem bonina,
Na campainha agreste desse mato
Arrociá-lo deixa;
São lágrimas sinceras, própria fonte
Para regar as inocentes flores
Que arte não sabem nem conhecem arte;
Flores como os meus versos não variados
De refinadas cores
Em que alma só e coração tem parte.
Não por clássica música modulados
Ao graduado som de grega lira,
De citara romana.
A minha é melodia que só mana
Dos íntimos acordes só do peito;
Nem há corda que fira
Em meu alaúde rústico
Tom menos natural, mais contrafeito.

Em soberbos canais, alto empedrados
Por engenhoso hidráulico,
Vão da arte subjugados
Os caudais da torrente conduzindo
Riquezas de preciosa mercancia:
E o arroio, que serpeia entre pedrinhas
Pela relva macia,
Bordado em torno sinuosamente,
Que pode ele levar
Em sua doce e trépida corrente?
– Alguma folha de silvestre rosa
Que, Ingénua divagando
Pastorinha formosa
Lhe foi acaso à margem desfolhando.

ADOSINDA

CANTIGA PRIMEIRA

*No, I'll not weep:
I have full cause of weeping; but this heart
Shall break into an hundred thousand flaws
Or ere I'll weep.*

SHAKESPEARE.

I

Onde vais tão alva e linda,
Mas tão triste e pensativa
Pura, celeste Adosinda,
Da cor da singela rosa
Que nasceu ao pé do rio?
Tão ingénua, tão formosa
Como a flor, das flores brio
Que em serena madrugada
Abre o seio descuidada
A doce manhã de Abril!
– Roupas de seda que leva
Alvas de neve, que cega
Como os picos do Gerês
Quando em Janeiro lhe neva.
Cinto cor de violeta
Que à sombra desabrochou;
Cintura mais delicada
Nunca outro cinto apertou.
Anéis louros do cabelo
Como o sol resplandecentes
Folgam soltos; dá-lho vento,
Dá no véu ligeiro e belo,
Véu por suas mãos bordado,
De um santo ermitão fadado
Que vinha da Palestina;
Passou pelo povoado,
Foi-se direito ao castelo
Pediú pousada, e lha deram
Porque intercede a menina:
Que o pai soberbo e descrido,
– Nessa gente peregrina,
Disse, quem sabe o que vem?–
Mas pede Adosinda bela,
Tão virtude e formosura,
Quem lho há-de negar a ela?

Não pode o pai nem ninguém.

II

Mas o outro dia, à luz nada
Houve quem visse Adosinda
Debruçada em seu balcão
Haver prática alongada
Co'aquele velho ermitão.
Quem sabe o que lhe ele disse?
Ninguém no castelo ouviu:
Mas daquela ocasião,
A alegria lhe fugiu
Dos olhos e do semblante:
Ficou triste, sempre triste;
Mas em seu rosto divino
Fez-se formosa a tristeza.
Como olhos de amor quebrados
Disseras os olhos dela;
Mas não tem de amor cuidados,
Que a ninguém conhece a bela.

III

Qual semente arrebatada
Da flor de vergel mimoso
Pelos furacões do Outono,
Vai no encosto pedregoso
Cair de serra escavada;
Vem Abril, e a seu bafejo
Brota e nasce a linda flor,
De ninguém vista ou sabida,
Nem de damas cobiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV

Quinze anos tem Adosinda;
E desde a vez que o romeiro
Do saio pardo e grosseiro
Lhe falou ao seu balcão,
Faz três para o São João.

V

E Adosinda sempre triste
Vai sozinha pelo eirado,
Pelo jardim, pelo prado;

Nem já a divertem flores
 Em que punha o seu cuidado
 Pelos sombrios verdores
 De sua espessa coutada
 Vaga à toa e derramada,
 Como a novilha perdida,
 Como a ovelha desgarrada
 A quem o tenro filhinho
 Lobo do mato levou:
 – Desfaz-se a mãe em balidos,
 Que de ninguém são ouvidos,
 E o filhinho não tornou!

VI

Que tem Adosinda bela
 Que em tal desconsolo a traz?
 Serão saudades do pai
 Que anda co'os Mouros à guerra
 Por defender sua terra
 Mais a santa lei de Deus?
 Três anos há que se foi;
 E dois filhos que levou,
 A cada qual sua espada
 Com juramento entregou
 De lha tornarem lavada
 No sangue mouro descrido:
 E assim cada um jurou.
 Fizeram gente em suas vilas,
 (Que preto muitas lhe dão)
 E guiaram seu pendão
 Para terras de Moirama.
 Já vejo chorar donzelas,
 Vejo carpir muita dama,
 Que onde chega Dom Sisnando,
 Com sua espada portuguesa,
 Não há lanças nem rodelas
 Que sirvam para defesa.

VII

Mas não são do pai saudades,
 Que sempre a lidar com armas
 Como elas duro se fez;
 Mais lhe importam do que a filha
 Seus ginetes, seu arnês.
 E até – quem diria tal! –
 Quando a mãe, por diverti-la,
 Lhe fala do pai ausente
 E lhe diz que há-de voltar,

Parece que se lhe sente
 O coração apertar.
 Suspira em silêncio Ausenda,
 Ausenda tão bela ainda
 Que ao pé da bela Adosinda
 Mais irmã que mãe parece
 De filha tão moça e linda
 Suspira em silêncio a triste,
 Porque suspira não diz:
 – Filha amante de seu pai
 Conceder-me o céu não quis!»
 Ai! que sem razão se chora!
 Ai! Ausenda malfadada,
 Tem de vir minguada hora
 Que à filhinha desgraçada
 Darás mais razão que agora.

VIII

Que tropel que vai nos Paços
 De Landim ao pé dos rios!
 Sons de festa e sons de guerra
 Em seus muros e alta torre?
 Geme a ponte, treme a terra
 C'o peso de homens armados.
 Cavalos acobertados
 Trotam ligeiros; – e corre
 O alferes que tremulando
 Vai guião de roxa cruz...
 Já chegado é Dom Sisnando.
 Entre os cavaleiros todos
 Sua armadura reluz:
 E o penacho flutuante
 Das plumas altas de neve
 Sobre o elmo rutilante
 De longe a vista percebe.

IX

– «Portas do castelo, abri-vos,
 Correi, pajens e donzelas,
 Que é chegado meu senhor,
 Meu esposo e meu amor!»
 Ausenda bradava e corre.
 Portas se abrem, soam vivas,
 E o eco da antiga torre
 Com o som festivo acordou.
 – «Viva, viva Dom Sisnando!»
 E o tropel que dobra e cresce,
 E às portas que chega o bando

Dos guerreiros triunfantes.
 Do corcel soberbo desce
 E aos braços anelantes
 Da cara esposa voou.
 Doce amor que os apertou
 Não lhes deixou mais sentidos
 Que para se ver unidos,
 Ajuntar-se peito a peito,
 E em laço tão brando e estreito
 Longa saudade afogar.
 A Ausenda goteja o pranto,
 Pranto que é toda alegria;
 E o rosto que nunca enfia
 Do esforçado lidador,
 Também sentiu – mais que a dor
 Pode o gozo! – descuidada
 Uma lágrima sensível
 De seus olhos escapada.

X

Mas as lágrimas de gosto,
 Como as de mágoa, têm fim;
 Dom Sisnando enxuga o rosto,
 E tomando a mão à esposa:
 – Donde vem, lhe diz, senhora,
 Que a jóia mais preciosa
 Não vejo destes meus paços,
 Donde vem que aos meus braços
 Minha filha?... – A filha bela,
 Pasmada, trémula, a um lado,
 O rosto ao chão inclinado,
 Parecia humilde estrela
 Que ao primeiro ralo vivo
 Do sol que no alvor reluz
 Não fica, não, menos bela,
 Porém pálida e sem luz.

XI

Três anos já são passados
 Que Dom Sisnando a não via,
 Nessa jovem, linda dama
 Sua filha não conhecia.
 – «Ei-la aqui, senhor», dizia
 A mãe, que dum braço a trava,
 «Ei-la aqui». – Os olhos crava
 O pai na formosa filha,
 E de assombro e maravilha
 Mudo, extático ficou.

Cora Adosinda, suspira,
 E «Pai!» disse em voz tremente
 Submissa...; languidamente
 Ajoelha, ósculo frio
 Na paterna mão imprime:
 Pranto que até ali reprime,
 Corre agora em solto rio.
 – «Que tens tu, filha querida,
 Que assim choras tão carpida?
 É teu pai, que há-de querer-te,
 Que há-de amar-te como eu te amo».
 E tomou-a nos seus braços,
 E a levanta Ausenda bela.
 Pasma o pai, suspira ela;
 E a custo os doces abraços
 De pai, de filha se deram.

XII

Pouco alegre a companhia
 Entrou nos paços brilhantes;
 E os atabales soantes
 Pregoaram festas e alegria
 No castelo de Landim.

CANTIGA SEGUNDA

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter.

SHAKESPEARE.

Oh! que alegrias que vão
 Pelos paços de Landim!
 Que magníficos banquetes
 Que sumptuoso festim!
 Junto ao valente campeão,
 À cabeceira da mesa
 Ficou a bela Adosinda.
 A tão celeste beleza
 Estão todos admirando;
 E o embevecido Sisnando
 Não se farta de abraçá-la,
 De beijar filha tão linda.
 Ausenda de gosto chora,
 E abençoa a feliz hora
 Em que tanto amor nasceu.
 – «Inda bem» – diz – «que a rudeza
 De tanto lidar com armas
 À inocência, à beleza

Da amada filha cedeu!»
 Ela às carícias paternas
 Já não ousa de esquivar-se,
 Cora, mas deixa abraçar-se;
 Vê-se que tantos afagos
 A repugnância venceram
 Da timidez natural,
 Ou, se outra causa fatal,
 Mais encoberta ela tinha.
 Ao menos lha adormeceram.

II

Já de esquisitos manjares
 Os convivas saciados,
 De folias e cantares
 Pajens, donzelas cansados,
 E dos brindes amiudados
 Finda a primeira alegria,
 Doce repouso pedia
 Quanto esta noite em Landim
 Velou em baile e festim.
 A seus nobres aposentos
 Adosinda retirada,
 Com permissão outorgada
 A custo – do pai, se foi.
 Ausenda, em grave cortejo
 De suas damas rodeada
 Deixou há muito o festejo,
 E em seu camarim deitada
 Espera o momento ansiosa
 Em que a sós a amante e a esposa
 Nos braços de Dom Sisnando
 Se hão-de em breve confundir.

III

Como um tapete mimoso,
 Junto ao paço de Landim
 Se estende jardim formoso,
 De boninas arrelvado
 Da verde grama e de flores:
 Remata em bosque frondoso
 Cujos opacos verdores
 Eternas sombras acoitam,
 De pesados sentimentos
 Opresso o peito fremente,
 A respirar livremente
 O ar puro da noite fria
 Entrou insensivelmente

Dom Sisnando em seu vergel.
Jamais tão rico dossel
De azul bordado de estrelas
Se estendeu sobre a terra
Do estio nas noites belas.

IV

Alta a lua vai no céu,
E as sombras leves e raras
Não impedem às florinhas,
Não tolhem às águas claras
De brilhar co'a luz nocturna,
Menos resplendente e fúlgida,
Porém mais suave e plácida,
Mais amável que a diurna.
Manso o vento, que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebê-la,
Essa fresca viração,
Das flores exalação,
Tão doce como o bafejo
De dois amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce beijo.

V

Na feiticeira beleza
Da noite, do céu, das flores
Várias de aroma e de cores,
Sisnando todo embebido,
No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
De alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração
Do afogo desapertando:
Já pode gemer, – suspira,
E como que se lhe tira
Um peso de sobre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI

Por que geme, por que anseia
Dom Sisnando, o lidador?
Sisnando, o triunfador,
Cujo alto pendão campeia

Vitorioso e senhor
 Por tanta soberba ameia
 De nunca entrado castelo,
 De jamais vencida torre!
 – Dor que lhe nasce no peito
 É dor que no peito morre;
 Ânsia que lhe rala a vida
 Não é para ser sabida.
 – E desde quando? há tão pouco
 Feliz e ditoso ainda,
 Com tanta alegria e júbilo
 Festejada sua vinda!...
 Vassalos, esposa, filha...
 Filha!... A filha é tão formosa!
 Oh! essa Adosinda bela
 Nos olhos encantadores
 Tem com que matar de amores
 A metade dos humanos!
 Não, não é peito sensível
 Peito que lhe resistir:
 Mas o pai!... não é possível.

VII

Não é, não é. – Mas Sisnando,
 Sem saber onde caminha,
 Melancólico e pesado.
 Insensível foi entrando
 Pelo bosque emaranhado
 Que ao jardim avizinha:
 E o silêncio, que o seguiu,
 Que no espesso coito habita,
 Nem um verde ramo agita,
 Nem uma folha buliu.
 À toa por entre as árvores
 Sem seguir carreiro ou trilho,
 Nem guiado de um só brilho
 De froixa estreia que entrasse
 Por tão medonha espessura,
 Ora lento e vagaroso,
 Ora os passos apressura,
 Já por caminho fragoso,
 Já por vereda macia.
 Té que num claro onde os troncos
 Escasseiam de repente,
 E onde pálido e tremente
 Seu reflexo a lua enfia,
 Sem o saber, foi parar.

VIII

Agreste, não feio é o sítio
 Medonho, horrível de ver;
 Porém tem a natureza
 Horrores que são beleza,
 Tristezas que dão prazer,
 Mão de arte ali não chegou;
 A virginal aspereza
 Ficou em toda a rudeza
 Que a criação lhe deixou.
 De um lado, choupos anciãos
 Seus ramos lúgubres pendem,
 E o vivo seixo fendem
 Crespas raízes nodosas
 Das soveiras anosas
 Que as cortiças remendadas
 Têm dos estilos lascadas
 A pedaços a cair.
 Do outro, altivos rochedos,
 Como do céu pendurados,
 Difundem pálidos medos
 Que em funda gruta acoitados
 De espectros a povoaram.
 – Di-lo toda a vizinhança,
 Que ou são sombras de finados,
 Ou de negras bruxas más
 Ali há nocturna dança.
 Redobra do sítio o pavor
 Um jorro alto que despenha
 Saltando de penha em penha,
 E os ecos em derredor
 Vai temeroso acordando,
 Este único som de horror
 À calada solidão
 Da mudez quebra o condão.
 Sisnando, o ardido Sisnando,
 O do forte coração,
 Sentiu soçobrar-lhe o ânimo:
 Uma voz dentro do peito
 Lhe diz que não passe avante;
 Mas outra voz mais possante,
 Outra voz que é voz do fado,
 Voz que ao mortal desgraçado
 Não deixa força ou razão,
 Lhe brada: *Persiste, segue...*
 – Ai do que a ela se entregue,
 Que se entrega à perdição!

No seixo cavada gruta
 Tem escassa entrada aberta,
 Quase de todo coberta
 De festões de hera lustrosa
 Que cingindo a rocha bruta
 Pende em grinalda ramosa.
 Entre as folhas, que meneia
 Ligeiro sopro de vento,
 Viu Sisnando – e alma lhe anseia –
 Um lampejar vago, incerto
 De luz fraca, – ouve um acento
 De voz doce mas gemente,
 Voz que se ouve e que está perto,
 Que entoa suavemente
 Uma angélica harmonia,
 Tão triste que faz chorar!
 E esta voz assim dizia
 Em seu lânguido cantar:

«Anjos do céu, acudi-me,
 Valei-me, santos do céu,
 Que me rouba mais que a vida
 Quem só a vida me deu.

«Santo ermitão, que me deste
 Aquela esperança ainda
 Que a desgraçada Adosinda
 Viria a ser venturosa
 Após de longo penar...
 Sorte que vieste
 Sobre mim deitar,
 Sorte desastrosa
 Vem ver começar.

«Anjos do céu, acudi-me,
 Valei-me, santos do céu,
 Que me rouba mais que a vida
 Quem só a vida me deu.

Mas ah! tão negro crime,
 Tão horrída paixão
 De um pai no coração...
 De um pai... – Como é possível!
 Não, não, não há-de entrar.»

X

– «Pois treme, infeliz, e sabe
 Que essa horrorosa paixão
 Aqui neste coração...»

Sisnando, a quem já não cabe
 No peito a angústia o tormento
 De tão criminoso amor,
 Nestas vozes de terror
 Rompendo, a caverna entrou.

XI

Oh que pavoroso instante!
 Os anjos todos cobriram
 Seus rostos co'a asa brilhante;
 Sem vento os troncos de em torno
 A ramagem sacudiram;
 A lua no céu mais pálida
 Como de susto enfiou
 E para trás da montanha
 Foi correndo, e se eclipsou.

XII

Quem há-de a filha chorar
 Que está nos braços paternos!
 Oh! quem se há-de horrorizar
 Dos beijos doces e ternos
 Que o amor... – Que amor é esse?
 De ouvir tão medonho horror
 O próprio inferno estremece
 E só lá... há tal amor!

XIII

Oh! como hei-de eu cantar
 Se no peito a voz me treme!
 História que é de chorar,
 Quem a diz não canta, geme.
 – Só não gemia Adosinda,
 Que toda morta, gelada,
 Santo Deus! – mais bela ainda,
 Na viva rocha, estirada
 Como um cadáver ficou.

XIV

E o pai ousou levantá-la,
 E apertar junto a seu peito
 Aquela morta beleza!
 – Repugnou a natureza:
 E, da paixão a despeito,
 De si a afasta, vacila...
 O anjo da sua guarda

Inda um momento o resguarda...
 Mas há na terra ou no céu
 Força maior que a paixão,
 Que subjugué um coração
 Que de amor endoideceu?
 Se a há, não lhe acudiu Deus,
 Venceram pecados seus.
 Lembrou-lhe fugir... ficou:
 Sim, lembrou-lhe a salvação...
 E à sua condenação
 O infeliz se votou.

XV

Geme, chora; altos soluços
 Do peito lhe vêm bradando;
 Porém fugir de Adosinda
 Não pode o triste Sisnando,
 Ela acorda, e em voz sumida:
 Piedade, senhor, piedade!...
 Só pôde dizer: perdida
 Nos ecos da soledade
 Vai soando e murmurando
 A voz triste e condoída.
 Ouve-a ele; e o coração
 No peito lhe estremeceu;
 Na execranda pretensão
 Recua, – mas não cedeu.

XVI

Palavras que lhe ele disse
 Respostas que lhe ela deu,
 Oh, não as contarei eu,
 Não as contará ninguém...
 Quis que lhe ela promettesse
 (E a terra ali não se abriu
 Quando tal a um pai ouviu!)
 Que para a noite seguinte,
 Quando tudo em paz jazesse
 Em seu leitoso recebesse...

XVII

Chora a infeliz, chora, geme,
 De horror e de pasmo treine:
 Insta o perigo iminente,
 A esperança na demora...
 Com voz cortada e gemente:
 «Senhor, não insteis agora,

Deixai-me cobrar alento,
 E amanhã responderei.»
 – «Pois, solene juramento
 Farás de que...» – Sim, farei...
 – «Que amanhã, antes que o dia
 Do horizonte desapareça,
 Darás resposta final
 E ai de ti, ai do mortal
 A quem ousasses!... – Pereça
 O infeliz nesse momento:
 Só a morte, só o inferno
 De meu cru ressentimento
 O poderiam salvar.»

CANTIGA TERCEIRA

I *must* a tale unfold whose lightest word *will*
 harrow up thy soul; freeze thy blood;
 Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.

SHAKESPEARE.

Que mau fado, que hora má,
 Oh! qual agoirada estrela
 Levou Adosinda bela
 À fadada gruta escura?
 Que foi ela fazer lá?
 No mais denso da espessura,
 A tão aziagas horas,
 Só, alta noite, a desoras,
 Sem donzela ou escudeiro,
 Como o pedia a decência,
 Sem levar mais companheiro
 Que sua débil inocência,
 Que seu jovem coração!

II

Quem o sabe? – No castelo
 Nem a própria mãe, que a adora,
 Que pela filha querida
 Dera tudo, dera a vida...
 Nem a própria mãe sabe-lo!
 E como é que Ausenda ignora,
 Por que encanto ou maravilha,
 Que ao pino da meia-noite
 Todos os dias a filha
 o escuro parque atravessa,
 E tenteando a treva espessa

Vai sozinha àquela gruta
 Que no mais claro do dia
 Ninguém a entrar ousaria?
 – Mas vai; não o sabe Ausenda:
 Neste segredo fatal
 Coisa sobrenatural,
 Coisa medonha, tremenda
 Há por certo... Oh! que inda mal!

III

Desde aquela madrugada
 Que Adosinda em seu balcão
 Falou c'o velho ermitão,
 De noite à gruta fadada
 Sempre vai. Sibile o vento
 No bosque medonho e feio,
 Às nuvens o pardo seio
 Rasgue horrísono trovão,
 Nada teme; a passo lento,
 Só, para ali se encaminha
 E em rezas, em penitência
 Horas longas jaz sozinha.
 Talvez daquele romeiro,
 Por salutar providência,
 Seu fado lhe foi predito;
 Talvez lhe fosse prescrito.
 Por tão santo conselheiro
 Que passasse em oração
 Naquelas medonhas fragas
 Certas horas aziagas
 Em que a fatal conjunção
 De um astro seu inimigo
 Maior fizesse o perigo
 Da terrível maldição
 Que a persegue, – ela inocente! –
 Que tão injusta caiu
 Naquela votada frente...
 Mas diz que não há condão
 Pior que o da maldição!
 E quantas não atraiu
 Sobre a família inculpada
 A soberba despiedada
 Desse orgulhoso Sisnando?
 Quantas vezes o infeliz,
 C'os filhinhos expirando,
 À porta do seu castelo
 Se viu gemendo e chorando,
 E o desalmado senhor
 Essa gentalha atrevida

Escorraçar a mancou!
 Tais pecados não guardou
 Para os punir na outra vida
 O supremo Arbitrador.

IV

Mas já despontava o dia,
 Que tão alegre hoje vem,
 Tão risonho parecia,
 Que não dissera ninguém
 Senão que trás alegria:
 – E tantas, tão negras mágoas,
 Nunca as trouxe o sol nascente
 Desde que assoma no Oriente
 E se sepulta nas águas.
 Toda a noite longa, imensa,
 Ausenda velou chorando,
 De suas lágrimas regando
 o leito viúvo e só;
 A ninguém sua dor intensa
 A desgraçada confia:
 Ninguém da triste ouve dó,
 Que do esposo em companhia
 Todo o castelo a julgou.
 Porém a noite passou,
 E por fim, do novo dia
 Já o alvor vinha ralando,
 Sem aparecer Sisnando,

V

É manhã; – ténue ainda a luz,
 Mas vê-se que é madrugada
 Ausenda ainda acordada
 Sente abrirem-lhe com tento
 A porta do aposento,
 E entrar... – «Será ele?... Oh vem!
 És tu, suspirado esposo?!
 Disse ela em tímida voz:
 Não lhe responde ninguém.
 Um suspiro doloroso
 Lhe dissipou a ilusão.
 Oh quem se há-de enganar
 Com aquele suspirar!
 É Adosinda, – voaram
 Do maternal coração
 Toda a mágoa e dissabores;
 E os sentidos que ficaram
 Foi para amargar as dores

Que naquele *ai* a assaltaram.

VI

– «Filha, filha... a esta hora!
 Que sucedeu?... que tens tu?»
 Calada Adosinda chora
 «Ai, não me chameis filha!»
 Rompe enfim, a soluçar,
 Nadando num mar de pranto.
 Pasma, terror, maravilha.
 Susto, medo, horror, espanto
 No peito da triste Ausenda
 Em confusão estupenda
 De tropel foram quebrar.
 – Que será? – E esse tirano
 De todo o sossego humano,
Dúvida, o monstro fatal.
 Que até nos deixa a esperança
 Para que do incerto mal
 Seja maior a pujança,
 Venha mais fino o punhal
 Quando na alma se nos crava,
 Esse do peito lhe trava,
 E ao cruel padecimento
 Dobra angústias e tormento,

VII

Adosinda, ajoelhada
 Junto ao leito onde convulsa
 Jaz a mãe atribulada,
 Do coração, que lhe pulsa
 Como se fora quebrar,
 Traz de amargo pranto um rio,
 Que dos olhos vem a fio
 As maternas mãos banhar;
 As mãos que ela aperta e beija,
 E que o pranto que goteja
 Já não sentem derramar.

VIII

Volve a ti, mãe desgraçada,
 Volve, que o morrer agora
 Tamanha ventura fora
 Que da sorte despiedada.
 Concedido não será
 Vem ouvir tua sentença
 De morte... pior que morte,

Vergonha horrorosa, ofensa...
 E de quem!... de teu consorte.
 Do pai monstro, monstro esposo...
 Ai! para o tormento odioso,
 Para tamanha aflição
 Não tem força o coração.

IX

Tudo lhe conta Adosinda,
 Tudo... tudo interrompendo
 A horrorosa narração
 Ora as lágrimas fervendo,
 Ora os soluços rompendo
 Do rasgado coração,
 Ora os lábios descorados
 De pejo e terror gelados,
 Sem poder nem balbuciar
 O que é força revelar

X

– «Irás» disse Ausenda enfim,
 E a voz, que treme, assegura:
 «Irás, a teu...» – *pai* não disse,
 E um som rouco lhe murmura
 Nos lábios onde a meiguice,
 Onde a maternal ternura
 Procuram em vão sorrir:
 «Irás, filha, a Dom Sisnando
 E lhe dirás que...»
 «Senhora!»
 Interrompe ela chorando
 – «Que» torna a mãe quando a hora
 Da meia-noite soar,
 Em teu quarto o hás-de esperar.
 Não tremas, filha, não tremas,
 Não chores, minha Adozinda,
 Querida filha, não gemas,
 Que hás-de ser feliz ainda.
 No angustiado seio
 Guardemos inda a esperança:
 Do céu mandada me veio
 Uma ditosa lembrança
 Que nos poderá salvar.
 No teu leito de ouro fino
 Sou eu que me hei-de ir deitar;
 Tua camisa de holanda
 A meu corpo hei-de lançar:
 E quando ele nos seus braços

Ter Adosinda julgar...
 Ah! que o céu há-de abençoar
 Este engano virtuoso,
 E a ser pai, a ser esposo
 Dom Sisnando há-de voltar.

XI

O dia em rezas passaram
 Em devotas orações;
 Mas quando as trevas poisaram
 Sobre as muralhas da torre,
 Voltaram as aflições:
 E o tempo – que leve corre
 Para todos os viventes –
 Só àquelas inocentes
 Acintoso parecia
 Que da ampulheta fadada
 Bago por bago espremia
 Cada hora minguada.

XII

Enfim meia-noite soa:
 Dom Sisnando, aguilhoado
 Do torpe amor – do pecado,
 Impaciente ao prazo voa
 Que ele de amor julga dado.
 Como louco, arrebatado
 Corre ao leito de Adosinda,
 Cego beija a face linda,
 Que decerto não é dela,
 Mas que não é menos bela;
 Ao convulso peito aperta
 Aquele peito formoso...
 – Desgraçado, é tempo ainda,
 Do cruel sonho desperta,
 Que ao precipício horroroso
 Já te vai a despenhar!...

XIII

Dom Sisnando é criminoso
 Quanto o podia ficar
 Do intento abominoso
 Nada resta consumir.
 Já tristemente acordou
 De seu delírio fatal.
 E sorrindo amargamente,
 À infeliz assim falou:

– «E era por isto... inocente!
 Que tanto se recatava
 Tua virtude fingida?
 Ah! essa alma corrompida
 Mais do que teu corpo estava.
 E tu...»

Não pôde ouvir mais
 A triste mãe; não lhe sofrem
 As entranhas maternais
 Ouvir a filha adorada
 De tal modo caluniada,
 E por quem, e em que momento,
 C'um sufocado lamento,
 Que do peito rebentando
 Trouxe aos lábios alma e vida,
 Quebra o silêncio: – «Ah, Sisnando!
 Ah, senhor, matai-me embora;
 A desgraçada sou eu.»
 E a terra naquela hora
 Rasgada não soverteu
 O infeliz, que meio morto,
 No abismo do crime absorto,
 Deste golpe inesperado
 À violência cedeu!

XIV

Silêncio largo, mortal
 Foi a única expressão
 Que por longa duração
 Naquele estado fatal
 Entre esses dois foi ouvida.
 Porém no perdido peito
 De Sisnando atribulado
 Foi a vergonha vencida
 Pelo irritado despeito:
 Dos remorsos avexado,
 Porém mais pungido ainda.
 De seu crime malogrado,
 Brada em cólera abrasado:
 – «Pereça a filha descrida
 Que desonrou seu...»

– *pai* não,
Pai não ousa proferir
 A palavra, suspendida
 Por fria, pesada mão
 De remorso insubjugado,
 Lhe voltou ao coração
 A lacerar-lho, a vingar-se
 Da malsufrida opressão.

XV

– «Ouvi-me, senhor, culpada
 Sou eu só...» a triste esposa
 Lhe diz, mas não ouve nada
 Aquela alma furiosa,
 Já neste mundo ralada
 De quanta pena horrorosa
 No inferno está guardada
 Para crimes como o seu.

XVI

Parte; corre; – o brado horrível
 Por todo o castelo soa
 Tão medonho como troa
 Medonho trovão de outono
 Despertos do brando sono
 Todos são: – ordem que deu.
 São tais, que de horror tremeu
 A gente absorta pasmada.
 Tristemente obedecendo,
 Co'a face ao chão inclinada
 Se vão a medo, e mal crendo
 Que não seja sonho vão
 O que ouvindo e vendo estão.

XVII

Do castelo para um lado
 Uma antiga torre havia
 Cercada de largos fossos,
 Que é memória haver fundado
 Um rei mouro que vivia
 Há muito, de quando os nossos
 Mourisca gente regia.
 Ali uma esposa sua
 Que ele achou ser-lhe infiel,
 Sete anos e mais um dia
 Fechada a teve o cruel,
 Sozinha, a grilhões e nua;
 E só pão seco lhe dava,
 Mas água não consentia
 Que nunca ninguém lha desse
 Para que à sede morresse.
 Valeu-lhe quem tudo pode,
 Que ao infeliz sempre acode:
 Vinha-lhe orvalho do céu,
 De que os sete anos bebeu

E enfim o sétimo ano
 De tal milagre vencido
 Foi o próprio rei tirano,
 Que a liberdade lhe deu,
 E do crime cometido,
 Se o havia, se esqueceu.

XVIII

Para esta torre deserta,
 No verão ao sol exposta,
 Que abrasado a queima e tosta,
 No rigor do inverno aberta
 A chuvas, à ventania,
 Sisnando – quem tal diria!
 Mandou a filhinha linda,
 Que ali fechada gemesse,
 A virtuosa Adosinda!...
 E ai de quem água lhe desse,
 Lhe desse vestido ou cama,
 Que da sede à morte crua
 – Qual o mouro a sua dama –
 Ali quer que morra nua,
 De todos desamparada,
 De seu pai amaldiçoada,
 Só da triste mãe chorada!

XIX

Sem dar somente um gemido,
 Sem se carpir, nem queixar,
 Como a ovelhinha tremente
 Que sem dar nem um balido
 Se deixa à morte levar,
 Vai Adosinda inocente
 Para aquela feia torre.
 Pranto que furtivo corre
 De quantos olhos a viam,
 A acompanha tristemente,
 E o pai!... Ânias que o remordem
 Ninguém as sabe nem vê.
 Num aposento encerrado,
 Onde nem do mais privado
 Concedido é meter pé,
 Só ficou, só permanece:
 Só! – antes acompanhado
 De quem os seus não esquece
 Do remorso, – do pecado.

CANTIGA QUARTA

*You do me wrong, to take me out o'the grave: –
Thou art a soul of bliss: but I am hound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.*

SHAKESPEARE.

I

Sete anos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adosinda cumpriria
Naquela torre fechada.
E o tirano bem sabia
Que nem três dias somente
Viver podia a inocente
Com a sede, a nudez.
Uma semana é passada
Passado é um mês e outro mês,
Ano e anos decorreram;
E os sete anos feneceram
Sem que Adosinda formosa
Em tal míngua percesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma só rosa.

II

Veio um dia – nesse dia
O cativo acabou –
No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava.
Na torre uma voz se ouvia,
(E é esta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,
Que suplicava piedade:
«Uma sede, uma só de água,
Uma só por compaixão,
Que me abraso nesta frágua,
Que me estala o coração».

III

A voz de Adosinda bela
Todos clara conheceram;
C'os olhos na alta janela
De toda a parte correram:
– «Vive, inda vive! bradavam,

A inocente! vinde vê-la.»
 E uns aos outros recontavam
 Das virtudes, da paciência
 Daquele anjo de inocência
 Que, há muito, morta julgavam.
 Outra vez se torna a ouvir
 O mesmo clamor sair
 Da torreada prisão:
 – «Uma sede, uma só de água,
 Uma só por compaixão,
 Que me abraso nesta frágua,
 Que me estala o coração?»

IV

A todos se comoveu
 O mais Intimo do peito,
 Mas não ousam a afrontar
 Do pai o sevo despeito.
 – «Tem paciência, anjo do céu!»
 Com lágrimas responderam
 «Que já não pode tardar
 O pai que te vem soltar.
 Os sete anos decorreram,
 O dia está a acabar;
 Sofre mais este momento,
 Que hoje acaba o teu tormento.»

V

– «Oh! como hei-de eu suportar,
 Amigos meus da minha alma,
 Se a vida sinto acabar,
 Sinto abrasar-me da calma!
 Sete anos me acudiu Deus,
 Que por milagre vivi,
 Dava-me orvalho dos céus,
 De que sete anos bebi.
 Do estio ardentes queimores
 No meu corpo os não senti,
 Do inverno os frios rigores
 Também esses não tremi.
 Mas há três dias que a mão
 Do Senhor me abandonou.
 Tudo, tudo me faltou...
 Oh! tende de mim piedade!
 Uma sede, uma só de água,
 Uma só por compaixão,
 Que me abraso nesta frágua,
 Que me estala o coração!»

– De novo alto choro ergueram,
 Lastimado pranto gemem;
 Mas de seu tirano tremem,
 Só a chorar se atreveram.

VI

Soa a nova no castelo,
 Vai correndo em derredor,
 De que por fim fora ouvido
 Aquele anjo sofredor
 Soltar queixoso gemido,
 Piedade enfim suplicar.
 Só a Ausenda, que expirando
 No leito da morte jaz,
 Para que morresse em paz
 Vão a noticia ocultando.
 Mas soube tudo Sisnando,
 E no duro coração
 Já vacila a crueldade,
 já vislumbra a compaixão:
 Dos secos olhos covados,
 Que inspiravam medo e espanto,
 Como que da mão tocados
 De algum anjo punidor,
 Salta repentino o pranto.
 Qual onda que estala em flor
 Sobre o penedo ouriçado,
 Todo em lágrimas sanguíneas
 O infeliz debulhado,
 Para aquela infausta torre
 Com incerto passo corre
 Em altos gritos bradando:
 – «Água! trazei água, vinde,
 Acudi à desgraçada,
 A uma filha malfadada
 Que por mãos de seu pai morre!»

VII

Assim correndo e gritando
 Chegava à horrível prisão
 Em que gemia Adosinda:
 – «Filha, filha, é tempo ainda;
 Perdão, á filha, perdão
 Para este algoz...» – Cortou-lhe
 O excesso da paixão
 Língua e força; a voz quebrou-lhe,
 E por morto cai no chão.

VIII

Oh! que povo se ajuntava
 No Castelo de Landim!
 E com que horror que ele olhava
 Para aquele triste fim
 De tamanho cavaleiro
 Tão rico e grande senhor,
 Tão esforçado guerreiro!
 A Ausenda chega o rumor
 Do sucesso Inesperado,
 Dá – lhe força e vida amor;
 O fio meio cortado
 Da existência lhe atou.
 Ei-la se ergue, e em mal firmado
 Passo corre – e lá chegou.

IX

E já por ordem de Ausenda
 Co'a porta negra e tremenda
 Investem da torre erguida:
 Range o ferro, os gonzos gemem,
 Parece que já rendida
 Vai de todo; – à roda tremem,
 Do fundamento aluída
 A torre, os sólidos muros.
 Mas em vão de centenares
 Dos mais rijos braços duros
 Se movem os instrumentos
 Que em muralhas mais valentes
 De castelos regulares,
 De mais sólidos cimentos
 Têm a miúdo triunfado.

X

Parece encanto; – será?
 O povo maravilhado
 já por tal, tremendo, o dá,
 Cessam todos, encantado
 É o negro portão ferrado...
 E o povo desanimado
 Da empresa desiste já.

XI

Arreda, arreda, infanções,
 Cavaleiros, dai lugar,
 Com licença, nobre dama,

Que aí vem um santo ermitão:
 Com as sua orações
 Este encanto há-de quebrar,
 Ou, se do demónio é trama,
 Com o seu bento condão
 Ele o há-de desmanchar.
 – Ei-lo chega: – este semblante
 Não é aqui desconhecido...
 Esta barba, este vestido...
 É ele o mesmo ermitão
 Que a noite de São João
 (Não há dez anos ainda)
 No castelo pernitoou,
 Que Sisnando maltratou,
 Mas, por a bela Adosinda
 Pedir muito, lá ficou.

XII

Com a cabeça coberta
 Do seu agudo capuz,
 Os olhos de cor incerta.
 Pasmados, fixos... e a luz
 Que deles sai é tão viva
 Que a espaços da vista priva
 Quem de perto os quer fitar!
 As mãos cruzadas rio peito,
 Vagaroso seu andar,
 Tão pesado e de tal jeito
 Que faz um eco tremendo
 Quando os passos vai movendo,
 E como que a terra e o ar,
 Com o peso vão gemendo...
 – Foi seu caminho direito
 Da torre à porta ferrada;
 Sem atender a mais nada,
 Sem olhar nem para Ausenda,
 Que em lágrimas debulhada
 Súplices mãos lhe estendia,
 Chega à porta, e em voz horrenda
 – «Abre-te!» – disse. Estalou
 O ferro medonhamente,
 E a porta se escancarou;
 – Mas ele subitamente,
 Voltando-se para a turba,
 Que alto alarido alevanta
 E em redor se perturba,
 Com gesto que aos mais ousados
 Todo o ânimo quebranta:
 – «Emudecei!» – lhes bradou.

Ficaram todos calados;
 E – *emudecei* – revibrou
 De ecos em ecos dobrados
 Pelo castelo e jardim;
 Pelos souts ao redor,
 Pelos campos dilatados
 Que a Dom Sisnando obedecem
 E por senhor reconhecem
 Ao rico-homem de Landim.
 – Depois estendendo a mão
 Ao lugar onde jazia
 Por morto no frio chão
 O desgraçado Sisnando,
 Estas palavras dizia
 Que em rouco som vão soando:

– «Eu te esconjuro,
 Alma perdida,
 Volta-te à vida!»

«Que o teu pecado,
 Abominado
 Do próprio inferno,
 Só tem perdão
 Com longa vida
 De penitência,
 De contrição,
 Que a alma perdida
 Salve do inferno,
 Da maldição.

«Eu te esconjuro,
 Alma perdida,
 Volta-te à vida!

«O anjo celeste
 Na hora última
 Te perdoou,
 E ao Pai Eterno
 A tua vítima
 Por ti rogou
 «Lázaro imundo,
 Nesta grande hora
 Volve-te à vida,
 Vem, surge fora!»

XIII

Em pé esta Dom Sisnando:
 Vivo está, morto parece,

Tão negro véu lhe enoitece
 O verde-pálido rosto,
 Onde o seu selo já posto
 Tinha o arcanjo da morte.

XIV

De joelhos o ermitão,
 Com a cabeça coberta,
 À porta da torre aberta
 Faz breve e baixa oração
 Eis violento repelão
 A terra, tremendo, deu.
 E de alto abaixo a muralha
 Largamente se fendeu.
 Viram todos claramente
 O interior patente
 Em que jazia Adosinda,
 Donde há poucas horas inda
 Sua voz se ouviu chamar.
 E por uma sede de água
 Ao seu algoz suplicar.

XV

Num leito de frescas rosas,
 Que aromas do céu recendem
 Morta Adosinda jazia:
 Suas feições mais formosas,
 Mais angélicas resplendem.
 Uma suave harmonia
 Tão brandamente soava,
 Que ao coração parecia
 Que por piedade o afagava
 A quem saudoso gemia.
 – A alva frente, não tocada
 Pela mão da morte lívida,
 De lírios do céu coroada
 Brilhava com luz tão vivida
 Que parecia tocada
 De puros raios do Sol
 As mãos postas sobre o peito
 Para o céu se alevantavam,
 E como que de alma justa
 Para a morada apontavam.

XVI

Oh! que vista, oh! que momento
 Para a triste mãe! – Faltava

Só este último tormento.
 A malfadada cuidava
 Que nenhum padecimento
 Para gemer lhe sobrava!
 Era este.–E a dor ignora,
 Não sabe o que é padecer
 Quem o filhinho que adora
 Não viu ainda morrer...

XVII

Levantou-se o Ermitão
 E bradou: – «Ajoelhemos,
 E a mão de Deus adoremos.»
 Submissa resignação
 Pode a voz tolher à dor,
 Não tira do coração
 Seu espinho pungidor,
 Que em silêncio é mais cruel,
 Rasga mais e na ferida
 Mais acre derrama-o fel.
 A paciência sofrida
 Da triste Ausenda cedeu;
 Não exclamou, não gemeu,
 E em tributo de respeito
 Sua mágoa fechou rio peito.

XVIII

E Sisnando? – O desgraçado
 No pó da terra humilhado,
 Só lhe conhece a vida
 Na agitação comprimida
 Do convulso soluçar.

XIX

Para a ermida do castelo
 Enfim o corpo levaram
 E num cofre de ouro fino
 Como relíquia o guardaram.
 – Muito a não carpiu Ausenda,
 Que a morte compadecida
 Cedo a libertou da vida.
 Porém a longa existência
 De remorso e penitência
 Sisnando foi condenado:
 Coberto de horror e opróbrio
 Cumpriu seu mesquinho fado;
 Onde? – Ninguém mais o soube

Do castelo aquela noite
Com o Ermitão se sumiu:
Nunca mais dele se ouviu.
Mas à meia-noite em ponto
Na capela de Landim
Se ficou sempre escutando
Gemer uma voz medonha,
Que pede perdão bradando;
E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando.

NOTAS A ADOSINDA

Nota A

O romance em que lhe falei numa das minhas últimas cartas de Portugal...

A *Adosinda* foi começada em Campolide, ao pé de Lisboa, no Verão de 1827, condoída na cadeia do Limoeiro no fim desse mesmo ano, e publicada em Londres no Outono de 1828, em um 1 vol., 12º, sem nome do autor, e com a seguinte breve Advertência precedendo a carta ao sr. Duarte Lessa, que era o verdadeiro prefácio:

«ADVERTÊNCIA – O autor deste romance, animado pelo lisonjeiro favor que outras publicações suas tem merecido ao público português e a distintos literatos estrangeiros, empreende esta nova publicação, cujo assunto é tirado da antiquíssima tradição popular e se refere aos mais remotos. tempos e costumes de nossas épocas heróicas e maravilhosas. Espera ele que não desagradará aos amantes de um género que fez a colossal reputação de *sir* Walter Scott, e restituiu à antiga Escócia – na república das letras – o nome e independência que há tanto perdera na ordem política.

«Ainda que em pouco hábeis mãos, a língua portuguesa sairá mais uma vez à prova singular de bizzaria com as mais cultas e gabadas línguas da Europa: e será culpa do cavaleiro, não sua, se o prémio da beleza e valentia lhe não for adjudicado por todo o juiz imparcial.» (Nota da segunda edição).

Nota B

Resumo da história da língua e da poesia portuguesa que vem no I vol. do Parnaso Lusitano...

Foi o meu primeiro ensaio de crítica literária, e muito há que devo ao público reimprimi-lo, emendando-o e aditando-o, como tanto precisa E trabalho que demanda porém o vagar de outros cuidados e uma serenidade de espírito que não tenho tido. Hei-de fazê-lo e breve. (Nota da terceira edição).

Nota C

Boscan gaba-se de haver introduzido na Península os metros toscanos...

A expressão é inexacta: os Toscanos houveram os metros endecassílabos dos mesmos de quem nós os houvemos, dos trovadores. Vej. o *Cancioneiro do Colégio dos Nobres* (Nota da segunda edição).

Nota D

A língua provençal, primeira culta da Europa...

Generalizaram esta opinião no mundo os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard: eu duvido hoje muito dela, isto é, formulada deste modo. Estou inclinado a crer que houve

uma língua romance, que teve por base o Romano-rústico falado, e que geralmente predominou nos países de dominação visigótica desde a extrema Aquitânia até o que hoje é Algarve, e que esta língua quase latina é o comum tronco do Provençal que morreu à nascença, do Aragonês que não passou da infância, do Português e do Castelhana que chegaram à perfeita maturidade, e de outros mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circunstâncias políticas e topográficas anularam. Nem julgo difícil demonstrá-lo; mas não é aqui o lugar, nem caberia no curto espaço de uma nota. (*Nota da segunda edição*).

Nota E

Logo vieram esses trovadores de Provença...

A simples leitura dos nossos Cancioneiros mostra que aquela não era a poesia popular: os seus requebros, todos cortesãos e palacianos, desdizem da ruda singeleza e enérgica originalidade do trovar do povo. E comparados aqueles cantares de saraus com os fragmentos das xácaras e solaus que a tradição oral tem conservado, ainda que pervertidos e viciados como eles andam, vê-se que estes é que são a primitiva e legítima poesia nacional. (*Nota da segunda edição*).

Nota F

As baladas de Bürger, os romances de sir W. Scott...

Veja na colecção intitulada *Minstrelsy of the Scottish border* (Cancioneiro das fronteiras da Escócia) a história da renascença do género popular na Grã-Bretanha contada pelo mesmo W. Scott. (*Nota da segunda edição*).

Nota G

Cancioneiro do Colégio dos Nobres...

Há tempos que se designa com este nome o Cancioneiro do tempo de el-rei D. Dinis que se guarda na livraria do que hoje é Escola Politécnica, e era então Colégio dos Nobres. Copiou-o quando esteve ministro em Lisboa Sir Charles (depois Lord) Stuart, e em Paris o imprimiu, 25 exemplares, creio eu, quando ali foi embaixador.

Descobriram-se, há poucos anos, na biblioteca de Évora algumas folhas que faltavam no manuscrito de Lisboa, e com este aditamento se reimprimiu em Madrid ultimamente pelo zeloso cuidado do Sr. Varnhagem, ministro-do-Brasil naquela corte. (*Nota da terceira edição*).

Nota H

Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues...

Estas e todas as relíquias duvidosas do nosso romance irão todavia no lugar e livro

competente da actual colecção. (*Nota da terceira edição*).

Nota I

Aquele romancezinho de Gaia e do rei Ramiro...

É um curioso e raríssimo exemplar, documento notável da literatura portuguesa do século dezassete. Intitula-se *Gaia*, e é impresso no Porto em um folheto de 4º, com 15 ou 20 páginas. Tenho hoje grande pena de não ter tirado cópia inteira dele antes de o restituir ao meu amigo o Sr. Lessa, em cujo espólio deverá estar: mas não pude obter mais notícias dele; e outro exemplar não o vi nem sei de quem o visse. Começa com estas duas oitavas que agora encontro, incompletas, entre os meus apontamentos. Todo o poema é na mesma rima:

I

Cantemos de Ramiro rei de Espanha
E de el-rei Almançor de Berberia,
Quando por desventura tão estranha,
No mais de Espanha então mouros havia,
Com ânimo cruel, com cruel sanha
Cada qual ao outro pretendia
Privar de sua faina, honra e estado,
Com todas suas forças e cuidado,

II

Desse Ramiro, digo, o esforçado,
Que deste nome três com ele hão sido,
Daquele que com Gaia foi casado
Por quem tantos trabalhos há sofrido...

(*Nota da segunda edição*).

Possuo hoje um exemplar completo que devo ao obsequioso cuidado do Sr. M. N. de Sousa Moura, distinto e letrado official do nosso exército, que, talvez por isso, não ocupa nele o lugar que lhe pertence. (*Terceira edição*).

Nota K

Adiante copio uns dos mais curiosos (o do Bernal-Francês)...

O romance deste nome na primeira edição da *Adosinda* em Londres ia inserto na presente carta: por melhor classificação vai agora separado. E o texto original, segundo o conservou a tradição dos povos, irá no lugar competente do *Romanceiro*, mas muito mais correcto e melhorado agora pela colação das diversas versões que tenho obtido. (*Nota da segunda edição*).

Nota L

*Este terreno é santo: inda estás vendo
Ali aqueles restos mal poupados...*

Em Campolide e nas alturas que avizinham o célebre aqueduto da *Águas Livres* se encontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O próprio nome de Campolide, abreviação de campo da lide, ficou a este sitio da batalha que ali se deu nas guerra. da aclamação de D. João I. Vej. *Provas Genealógic.*, Duarte Nun., e quase todos os nossos historiadores. (Nota da primeira edição).

Nota M

*... Essas arcadas,
Soberbas, elevadas...*

O aqueduto das *Águas Livres* é o mais nobre e útil monumento de Lisboa: edificou-o D. João V, que nem sempre empregou tão bem os imensos cabedais dos tesouros do estado, que então regurgitavam com o ouro das minas do Brasil e de outras possessões portuguesas. D. João V todavia amou, ao menos protegeu, as artes e as letras; foi culpa não sua mas do século, se de tão mau gosto eram as letras que protegeu. O crepúsculo da nossa reabilitação literária luziu em seu reinado. A isto aludem os verso.:

*Um rei que amou as artes, rei pacífico
A quem amor fadou
Que seu fosse e das musas, etc.*

Assim como aludem também a seus bem sabidos amores e espírito galanteador. D. João V tinha a ambição de querer imitar Luís XIV, seu contemporâneo – até nas fraquezas. (Nota da primeira edição).

Nota N

*Lembra-te, aquela história
Que ingénuo o povo nos seus trabalhos cinto,...*

É a xácara ou lenda da *Silvaninha*, cujo texto original vai no lugar competente do *Romanceiro*. (Nota da segunda edição).

Nota O

*É singela legenda de uma santa,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só de crime escapou no seio à morte...*

A tradição popular atribui esta nefanda aventura a um rei que se namorou da própria filha, como a antiga Mirra se namorara de seu pai. – Provavelmente ambas as duas anedotas têm seu fundamento histórico na crónica escandalosa das famílias de alguns régulos ou senhores das diversas épocas. O observador curioso notará o diferente carácter de duas histórias tão semelhantes, e colherá o essencial ponto em que o nosso *maravilhoso* moderno difere da antiga mitologia, não tanto nos nomes dos deuses e deusas e outros agentes sobrenaturais, mas principalmente no tom, na moral, na sensibilidade, e num cem to não sei quê de ternura e melancolia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante cor do quadro. A diferença não está em chamar ao sol Apolo, ao amor Cupido, à guerra Marte; sim na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralizar as mesmas ideias, as mesmas coisas por diferente modo. (*Nota da primeira edição*).

Nota P

Cantiga primeira...

Na primeira edição chamavam-se cantos as quatro partes deste romance. Era dar-lhe uma pretensão de epopeia que o pobre não tinha. Demais, cantiga é o nome popular verdadeiro, e por isso lho mudei para ele. Os antigos menestréis ingleses chamavam *fîts* – como quem diria *acesos* – os franceses *lais* – como quem diz *ramos* – às diversas secções em que partiam os seus, romances mais longos. A. partição fazia-se por causa do canto: e *cantiga* «o que se pode cantar de uma vez» parece portanto mais próprio nome. O Cancioneiro do Colégio dos Nobres diz *cantares*. (*Nota da segunda edição*).

Nota Q

Como os picos do Gerês Quando em Janeiro lhe neva...

O Gerês é serra altíssima na província do Minho, de alpestres alcantis, coberta de plantas alpinas de curiosíssima *flora*; as sumidades conservam quase todo o ano resplandecentes massas de gelo. Há nas faldas da serra as famosas águas minerais conhecidas por Caldas do Gerês. (*Nota da primeira edição*).

Nota R

Mas pede Adosinda bela, Tal virtude e formosura, Quem lho há-de negar a ela? Não pode o pai nem ninguém...

É uma ocorrência muito comum nos romances populares, e de sincera beleza homérica, esta de negar o senhor do castelo a poisada ao peregrino, mas ceder depois às intercessões da filha compadecida, donzela inocente e malfadada, que quase sempre vem a ser vítima de sua própria bondade. Assim na lenda tão sabida e tão nacional de

Santa Iria:

Pedia poisada,
Meu pai lha negava;
Mas eu tanto fiz
Que por fim entrava.

(Nota da segunda edição).

Nota S

*E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama...*

Moirama, na frase do povo, quer dizer terra de moiros. Noutro género de poesia é certo que não ficaria bem o vocábulo, mas neste quadra. *(Nota da primeira edição).*

Nota T

*Que tropel que vai nos Paços
De Landim ao pé dos rios...*

Em minha imaginação pus a cena deste romance em um dos sítios mais pitorescos da mais formosa província de Portugal, o Minho. Landim (haverá mais terras do mesmo nome; esta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve, outro tempo, uma famosa casa e pingue possessão de Jesuítas; fica perto dos rios Ave e Vizela, que não longe daí se juntam para correr, unidos a. desembocar em Vila do Conde e perder-se no mar *(Nota da primeira edição).*

Nota U

*Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Ali há nocturna dança...*

Estas bocas de cavernas, e outros recessos – assim de bosques, montanhas e que tais, são em todos os países, pela imaginação do vulgo, povoados de entes misteriosos e às vezes malfazejos. Sombras de finados cantando hinos terríveis, bruxas celebrando os torpes mistérios do seu *sábado*, são cosmopolitas. A nossa mitologia popular tem mais outra espécie de entes sobrenaturais, que é privativa nossa. – São as *Moiras encantadas* que nem são bruxas, duendes nem fadas, mas lindas e amáveis criatura. que se divertem a encantar, a excitar os desejos dos pobres mortais – e às vezes, tão boas são!, a satisfazê-los.

Não é deste lugar o exame, que seria bem curioso, da mitologia nacional portuguesa. Basta dizer, como o A. do *Dona Branca*, que devemos explorar esta mina tão rica, e tão pouco lavrada, de belezas poética. originais e novas que, sem empréstimo nem favor alheio, podemos haver do nosso e de casa. *(Nota da primeira edição).*

Nota V

*Se a há, não lhe acudiu Deus,
Venceram pecados seus...*

O povo é geralmente fatalista; e o nosso português o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de suceder, era coisa que o perseguia.* e outras que tais razões, são a explicação de todo o fenómeno estranho que o surpreende.

Aqui a cegueira da ignorância leva pelo mesmo caminho que os desvarios da ciência. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presunção humana. (*Nota da primeira edição*).

Nota X

*Mas diz que não há condão
Pior que o da maldição...*

A maldição do pai desacatado, ou do pobre maltratado, passam entre o povo por ser as mais terríveis e inevitáveis. Até aqui a moral de acordo com a crença vulgar. Mas a maldição hereditária em seus efeitos, é outra parte deste dogma popular que em verdade repugna. – É certo porém que se é acaso, o acaso tem servido muito bem os fautores daquela crença. (*Nota da primeira edição*).

Nota Y

*Ah! essa alma corrompida
Mais do que teu corpo estava...*

O leitor verá nesta passagem, do conselho de Ausenda à filha, em muitos. lugares desta e da cantiga IV principalmente, quanto fiz por me conservar, perto do romance primitivo, assim no pensamento como até na frase e estilo tanto quanto o permitia a decência, e outras vezes a correcção da frase, e já também a índole do meu romance. (*Nota da primeira edição*).

Nota Z

*Sete anos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adosinda cumpriria...*

Sete anos e um dia é o período misterioso de quase todos os nossos Contos de fadas, encantamentos e coisas semelhantes.

No mui galante romance do *Caçador*, que é um dos mais queridos do povo, se diz:

Sete fadas me fadaram
 Nos braços de mi' madrinha,
 Que estivesse aqui sete anos,
 Sete anos e mais um dia.

O número sete é misterioso em todos os povos, mas esta expressão algébrico-nigromântica de 7 + 1 creio que é só portuguesa. (*Nota da primeira edição*).
 É de toda a península. Vej. os romanceiros castelhanos. (*Nota da segunda edição*).

Nota AA

*Arreda, arreda, infanções,
 Cavaleiros, dai lugar...*

Veja o glossário de Santa Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para inteligência desta passagem basta saber-se que era uma espécie de vassallos mais distintos. (*Nota da primeira edição*).

Nota BB

*E por senhor reconhecem
 Ao rico-homem de Landim...*

Sobre o *rico-homem*, veja o mesmo glossário. A dignidade de rico-homem, perfeitamente obsoleta em Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus títulos.

Rico-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor. (*Nota da primeira edição*).

Nota CC

*E essa voz diziam todos
 Que era a voz de Dom Sisnando...*

Esta espécie de *vindicta-publica*, com que o povo estigmatiza a memória dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas do Outro mundo, dos *revenants*, vampiros, etc., etc.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fábulas, ver-se-á que não há credulidade mitológica que não tenha por base o instinto da moral e da justiça, comum a todos os povos. (*Nota da primeira edição*).

ROMANCES RECONSTRUÍDOS

(BALADAS)

I

Bernal-Francês

Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a cena tão dramática com que abre, o fecho sublime com que termina dão-lhe todos os caracteres de poesia primitiva e grande de um povo heróico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao sério, como a nossa era. Estou que é originariamente português: não aparece em nenhum dos Romanceiros castelhanos, nem na vasta colecção de Ochoa. – O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, dá-lo-ei no lugar competente, segundo lho talhei no prefácio deste volume ¹², e demandava o sistema da minha compilação: e aí se vejam as conjecturas que tenho feito sobre esta preciosa relíquia da nossa poesia popular.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiador inglês, tendo lido a *Adosinda* e o *Bernal*, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo mr. Adamson, o biógrafo de Camões: «que estes eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhuma daquelas canções irlandesas que ele até ali tivera na conta de serem os vestígios mais antigos de toda a poesia popular das nações do oeste da Europa.»

Comunicando-me esta reflexão, tão lisonjeira para um colector entusiasta de antigualhas, mandou-me o sr. Adamson a tradução inglesa. (...)

No Verão de 1840, quando aprontei para a presente edição esta parte do volume, dediquei o *Bernal-Francês* a uma jovem senhora, que juntava a outras admiráveis qualidades a de possuir, no mais eminente grau que ainda encontrei, o sentimento do belo, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido dentre todas as minhas escreveduras poéticas: consagrei-lho... Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memória de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e empenho era que eu fizesse uma verdadeira epopeia, e me deixasse destas coisas que nunca podiam passar de *bonitinhas*. A perda de D. Sebastião em África era o assunto que me dava: dizia – e dizia bem – que devia ser o reverso da medalha dos *Lusíadas*, e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portugueses depois daquele. Ponho isto aqui para comentário dos versos que se seguem, e que aliás não seriam entendidos.

15 de Outubro de 1842.

¹² Vid. *Romanceiro*.

A ADÉLIA ¹³

Tu queres, amiga que eu deixe
 Minha harpa no chopo do monte,
 Que nem sempre me chore e queixe,
 Que seja poeta... a cantar!
 Que da brava inculta devesa
 Me não fique pasmado à fonte
 A admirar só a natureza,
 Sem um brado de glória alçar!
 Na escarpada selvática brenha
 Não se colhem senão rudes flores,
 Bem o sei – crescem-lhe hirtas na grenha,
 São singelas
 De folha e de cores,
 Não se toucam as belas
 Com elas:
 Não se enfeitem jardins de formosas
 Com mosquetas bravias e rosas!

– Vê o nobre, magnífico traço
 Do regrado edifício de Homero,
 Do mavioso Virgílio, do Tasso!
 (Dizes tu, maga musa de amor)
 «E ora terno e mavioso, ora fero;
 Já sublime, já doce – o cantor
 De Inês bela, feio Adamastor.
 Como erguendo, campeia, a alta frente
 Sobre todos os vates do Pindo!»
 – Vejo, oh! vejo, que esta alma ardente
 Já nos voos andou seguindo
 Essas águias mais remontadas...
 Hoje é abelha, aí anda zumbindo
 Por entre agras, singelas flores,
 Desalinhadas:
 Mas são flores que nascem na serra
 Onde todo o seu mundo se encerra,
 Porque aí tem – o seu bem – seus amores.

Benfica, 12 de Maio de 1840.

¹³ D. Adelaide Pastor (*Da Revisão*).

BERNAL-FRANCÊS

I

Ao mar se foi D. Ramiro.
Galé formosa levava;
Seu pendão terror dos Mouros.
Na alta popa tremulava.

Oh que adeus na despedida!
De saudades vai ralado;
Com tantos anos de amores,
Não tem um de desposado.

Nem há dama em toda a Espanha
Tão bela como é Violante;
Não a houvera igual no mundo
Se ela fora mais constante.

Bate o mar na barbacã
Do castelo alevantado,
Só a vela ¹⁴ na alta torre
Não cede ao sono pesado.

Tudo o mais repousa e dorme,
Tudo é silêncio ao redor;
Dobra o recato nas portas
Com a ausência do senhor.

Mas a certa hora da noite
Se vê luz numa seteira,
E logo cruzar por perto
Leve barca aventureira.

Muitas coisas que passaram;
Manso esteja ou bravo o mar,
A mesma luz, à mesma hora,
A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,
Que tal fiel prometeu
De guardar a seu senhor
Juramento que lhe deu?

Saberá, não saberá:
Mas a c'ravela ligeira,
Que ao pé da torre varada
Jazia ali na ribeira.

¹⁴ Vigia.

Uma noite escura e feia
 Na praia menos se achou...
 Quem nela foi não se sabe,
 Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz
 À mesma hora a brilhar...
 Só a barca aventureira
 Não foi vista hoje passar.

E dum lado ao pé da rocha
 Havia um falso postigo:
 Só o sabem D. Ramiro,
 Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,
 Gente que o postigo entrava,
 E à porta de Violante
 Manso bater se escutava.

«Quem bate à minha porta,
 Quem bate, oh! quem está aí?»
 – «Sou Bernal-francês, senhora,
 Vossa porta a amor abri.»

Ao descer do leito de oiro
 A fina holanda rasgou,
 Ao abrir mansinho a porta
 A luz que se lhe apagou:

Pela mão tremente o toma,
 Ao seu aposento o guia:
 – «Como treme, amor querido,
 Esta mão, como está fria!»

E com ósculos ardentes
 E no seio palpitante,
 Que lhe aquece as frias mãos
 A namorada Violante.

– «De longe vens?» – De mui longe.»
 – «Bravo estava o mar? – «Tremendo.»
 – «Armado vens!» Não responde.
 Vai-lhe as armas desprendendo.

Em pura essência de rosas
 O amado corpo banhou,
 E em seu leito regalado
 A par de si o deitou.

– «Meia-noite já é dada
Sem para mim te voltares,
Que tens tu, querido amante,
Que me encobres teus pesares?

«Se temes de meus irmãos,
Eles não virão aqui;
Se de meu cunhado temes,
Não é homem para ti.

«Meus criados e vassallos
Por essa torre a dormir,
Nem de nosso amor suspeitam,
Nem o podem descobrir.

«Se de meu marido temes,
A longes terras andou:
Por lá o detenham Mouros,
Saudades cá não deixou.»

– «Eu não temo os teus criados,
Meus criados também são:
Irmãos nem cunhado temo,
São meus cunhados e irmão.

«De teu marido não temo
Nem tenho de que temer...
Aqui está ao pé de ti,
Tu é que deves tremer.»

II

E o sol já no oriente erguido
Da torre ameias dourava;
Violante mais bela que ele
Para a morte caminhava;

Alva tela áspera e dura
Veste o corpo delicado,
Por cintura rijo esparto
Em grosseiro laço atado.

Choram pajens e donzelas,
Que a piedade o crime esquece;
O próprio ofendido esposo
Com tal vista se entenece,

Dá sinal a campa triste,
O algoz o cutelo afia...

– «Meu senhor mereço a morte»
A malfadada dizia.

«De joelhos, D. Ramiro,
Humilde perdão vos peço;
Perdoai-me por piedade...
A morte não, que a mereço:

«Da afronta que vos hei feito
Por minha triste cegueira,
Dai-me quitação co'a morte
Nesta hora derradeira;

«Mas só eu sou criminosa
Do agravo que vos fiz,
Não tireis, senhor, vingança
Desse mísero, infeliz...»

Talvez ia perdoar-lhe
O esposo compadecido...
Renovou-se-lhe o ódio todo,
Daquele rogo ofendido:

O semblante roxo de ira
Para não vê-la torceu;
E co'a esquerda mão alçada
O fatal aceno deu.

Sobre o colo cristalino,
Desmaiado, e inda tão belo,
De golpe tremendo e súbito
Cai o terrível cutelo,

III

Oh! que procissão que sal
Da antiga porta da torre!
Que gente que acode a vê-la,
Que povo que triste corre!

Tochas de pálida cera
Nas trevas da noite escura
Vão dando luz baça e triste,
Luz que guia à sepultura:

Cobertos com seus capuzes
Rezam frades ao redor,
A dobrar desentoados
Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,
 Já não há luz na seteira,
 Mas passando e repassando
 Anda a barca aventureira.

Linda barca tão ligeira
 Que nenhum mar soçobrou,
 O farol que te guiava,
 Já não luz, já se apagou.

A tua linda Violante,
 O teu encanto tão belo,
 Teve por ti feia morte,
 Crua morte de cutelo,

Na igreja de São Gil
 Ouves a campa a dobrar?
 Vês essas tochas ao longe?
 Ela que vai a enterrar,

Já se fez o enterramento,
 Já caiu a lousa fria,
 Só na igreja solitária
 Um cavaleiro se via;

Vestido de dó tão negro,
 E mais negro o coração,
 Sobre a fresca sepultura
 De rojo se atira ao chão:

– «Abre-te, ó campa sagrada,
 Abre-te a um infeliz!...
 Seremos na morte unidos,
 Já que em vida o céu não quis.

«Abre-te, ó campa sagrada,
 Que escondes tal formosura.
 Esconde também meu crime
 Com sua desventura.

«Vida que eu viver não quero,
 Vida que eu só tinha nela,
 Recebe-a, ó campa sagrada,
 Que não posso já sofrê-la.»

E o pranto de correr,
 E os soluços de estalar,
 E a mão que leva à espada
 Para ali se traspassar.

Mas a mão gelou no punho
Voz que da campa se erguia,
Voz que ainda é suave e doce,
Mas tão medonha e tão fria,

Do sepulcro tão cortada,
Que as carnes lhe arrepiava
E a vida deixou parada:

– «Vive, vive, cavaleiro,
Vive tu, que eu já vivi;
Morte que me deu meu crime,
Fui eu só que a mereci.

«Ai, neste gelo da campa,
Onde tudo é frio horror,
Só da existência conservo
Meu remorso e meu amor!

«Braços com que te abraçava
Já não têm vigor em si;
Cobre a terra húmida e dura
Os olhos com que te vi;

«Boca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Coração com que te amava...
Ai! só nesse não morri!

«Vive, vive, cavaleiro,
Vive, vive e sê ditoso;
E aprende em meu triste fado
A ser pai e a ser esposo.

«Donzela com quem casares
Chama-lhe também Violante;
Não amarás mais do que eu...
Mas – que seja mais constante!

«Filhas que dela tiveres
Ensina-as melhor que a mim.
Que se não percam por homens
Como eu me perdi por ti.»

II

Noite de São João

Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam-me na saudosa memória as vagas reminiscências daqueles cantares tão graciosos com que, na minha infância, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de São João; estavam-me as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder também na imaginação: e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me ver nele cedo: aqui está como e quando fiz esta cantiga.

Foi em São Miguel, as antenas dos nossos navios já levantadas para sair a expedição; – soltámo-las ao vento daí a horas... Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o sr. José Leite, cavalheiro dos mais distintos, e velho o mais amável que produziu o arquipélago dos Açores,

Também ali estavam, para inspirar o poeta, uns olhos pretos de quinze anos, que prometiam arder ainda tanta noite de São João, fazer queimar tanta alcachofa por sua conta!... Já os cobriu a terra.

Faz hoje dez anos que aquilo foi; e ainda não envelheci bastante para o esquecer.

O romance é tão feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma ideia nem talvez um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente, lhe dei lugar aqui.

Lisboa, 23 de Junho de 1842.

NOITE DE SÃO JOÃO

*Té os moiros da Moirama
Festejam a São João:
São João, São João, São João
Dai-me pêras do vosso balcão.*

CANTIG. POPUL.

I

– «Meia-noite já é dada,
São João, meu São João,
Nesta noite abençoada
Ouviu a minha oração!

«Ouvi-me, santo bendito,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um santo cristão;

«Que eu já deixei a Mafoma
E a sua lei do Alcorão;
E só quero a vós, meu santo,
Santo do meu Dom João.

II

«Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
Que no peito me rebenta,

«Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

«Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavaleiro abrase
A chama de amor violenta.»

III

«Sacudi do alto do céu
Vossa capela de flores.
Que neste ramo queimado
Renasçam por meus amores.

«Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dores,
Neste coração, meu santo,
Acalmem os meus ardores.

São João, meu São João,
Santo de tantos primores,
Nesta noite abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!»

IV

Já se apagava a fogueira,
Já se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coração:
Muita fé tem aquela alma,
Grande é sua devoção!

Ouviu-a o santo bendito
Que, por sua intercessão,
Daquele êxtase acordava
Nos braços de Dom João.

III

O Anjo e a Princesa

O célebre erro cometido pelos Setenta na tradução do v. 2 do cap. VI do *Génesis*, deu um poema inteiro a Thomas Moore, *Os Amores dos Anjos* (*The Loves of the Angels*). E deste partiu o pálido reflexo da *Chute d'un Ange* que apenas animam as belas pinturas de paisagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos próprios sítios: em tudo o mais o poema de Lamartine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lemos na *Vulgata*: – «Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant».

O padre António Pereira verteu: – «Vendo os filhos de Deus, que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que dentre elas lhes agradaram mais».

O padre João Ferreira de Almeida assim: – «Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram».

Mas os Setenta não tinham entendido assim o texto hebraico, e em vez de – *filhos de Deus*, traduziram – *anjos de Deus*; erro, que ajudado pelos comentários poéticos de Philon, e pelas ficções do apócrifo *Livro de Enoch*, acendeu as imaginações meio pagãs de Tertuliano, de Lactâncio, e até de São Clemente-Alexandrino. Seja dito com o devido respeito a estes padres da Igreja: nem Hesíodo nem Ovídio estenderam fábula alguma do politeísmo por maiores desvarios do que eles poetizaram acerca desta ficção. Rejeitou-a todavia a maior parte dos Santos Padres. Deplorou-a como absurdo São João

Crisóstomo, estigmatizou-a de loucura São Cirilo. Segundo eles as palavras – *filhos de Deus* – querem dizer: – os *descendentes de Seth por Enos*, porque foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por estoutras palavras – *as filhas dos homens* – devemos entender: – *as filhas da corrupto raça de Caim*. É opinião seguida sem disputa, na Igreja católica e em quase todas as outras, desde Santo Tomás até hoje.

O *Targum de Onkelos*, que é a mais antiga das paráfrases caldaicas, e a versão de Símaco traduziram – *os filhos dos nobres ou grandes*; a versão samaritana diz – *os filhos dos juizes*.

E parece que a palavra hebraica, *Eloim*, admite todas estas tão desvairadas interpretações.

Seja como for, daquele desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escritores místicos dos judeus e dos cristãos primitivos e dos gnósticos e de todas essas seitas do Oriente, e por fim, em nossos dias, para os poemas de dois vates, ambos cristianíssimos hoje, ambos eminentemente católicos – o francês talvez agora um tanto menos, – o inglês muito mais principalmente depois dessa última sua obra filólogo ortodoxa.

Eu porém não quis fazer mais do que uma «lenda-romance» como a comporia uru menestrel da Idade Média em cujas copias os donairosos sonhos da mitologia, assim como os severos mistérios da crença, tomavam sempre os hábitos sociais do seu tempo. Júpiter era Dom Júpiter, rei de coroa na cabeça e barbas até à cinta, rodeado de condes e de pajens, servido por nobres donzelas de espartilho e toucas altas; São Miguel e o próprio Lúcifer dois cavaleiros de lança em punho e escudo embaçado, justando em mui leal batalha nessas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; – o Olimpo era um castelo feudal, e o Céu uma roca-forte. Em suma, sem princesas e cavaleiros não havia poesia para eles, nem a podia haver, porque essa era a vida que eles

conheciam, o belo e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom bíblico desta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predominado do ar cavalheiresco ou romântico, próprio de um cultor da Gaia-Ciência. Veja-se no *Cancioneiro* de Resende como, ainda no século XV, o nosso João Rodrigues de Sá e Meneses traduzia – não tanto do latim para português, quanto do romano para romance, a epístola de Laodamia. Veja-se como o próprio Sá de Miranda na *Égloga IV* reconta as clássicas aventuras de Cupido e Psique, – verdadeira fonte também da muito romântica trovada história da *Carochinha, A Bela e a Fera*, que toda a gente sabe – ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma- vez a filha dê um rei, moça, linda, e rica herdeira do trono. Fugia das diversões e grandezas da corte para se entregar à meditação ria soledade. Adoece mortalmente enquanto el-rei seu pai anda à guerra. Volta ele triunfante e vem-na achar na derradeira agonia. O seu mal não o entendem os físicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão de amor El-rei está pronto a tomar para genro seja quem for, contanto que lhe viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princesa, e morre de mal de amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espírito –um gnomo, um silfo, um anjo – quem sabe o quê! – talvez outro Bertrand que se apoderou desta Rosália. – Ao menos, escapamos de segundo Roberto do Diabo, porque a boa da infanta era de consciência, e morreu antes disso.

E daí, quem sabe? seria anjo bom o que ela amava. Segundo São Basílio, *De vera virginitate*, não pode ser; segundo Tertuliano e São Clemente Alexandrino já se viu que podia ser.

Campolide, 5 de Outubro de 1842.

**À Ilustríssima e Excelentíssima Senhora
Marquesa da Fronteira**

Esta lenda-romance foi escrita no seu Álbum Minha-Senhora, para cumprir uma promessa feita há tanto tempo, e por cujo desempenho tão retardado V. Ex^a teve a bondade de nunca ralhar comigo. Dedico-lha agora que sal Impressa; e é a primeira vez na vida que ofereço versos ou prosas minhas a pessoa que pudesse Imaginar devê-lo à sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a última, enquanto não fizer mais prosélitos e imitadores o espírito verdadeiramente nobre e as maneiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar nesta ocasião o meu propósito tão firme e tão necessário nesta terra.

De V. Ex^a

Criado e fiel cativo

ALMEIDA GARRETT.

Campolide, 20 de Outubro de 1842.

O ANJO E A PRINCESA

*...Waft me hence to thy own sphere,
Thy heaven or – ay, even that wit thee.*

MOORE, LOVES OF THE ANGELS.

Oh que choros vão no paço
Oh que lutos, que tristeza!
Morre, morre a cada instante
A nossa linda princesa.

Os físicos não se entendem,
Vão-se uns e outros vêm;
Mas o mal que ela padece
Não lho descobre ninguém.

Nos olhos que se lhe enturvam,
Já treme a luz derradeira.
Reza o ofício da agonia
Negro monge à cabeceira.

Se inda chegará a tempo
Dessas guerras dalém-mar
O bom do rei que, inda possa
A sua filha abraçar!

A filha que ele ama tanto,
Única filha querida,
A menina dos seus olhos,
Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto cativo,
Tanto despojo que traz!
Com vitórias o enganava
Fortuna, que acinte o faz.

Pelas portas do palácio
O real cortejo entrava,
Olha o rei a um lado e outro,
Nem uma voz o aclamava...

Pela filha que não via,
Não se atreve a perguntar,
Mas ao quarto da princesa
Foi direito sem parar:

– «Minha filha, minha filha!
Que tens tu, filha querida?»

E ela abria os olhos turvos
Que já não têm quase vida...

«A metade do meu reino,
Da minha c'roa real,
A quem salvar a princesa,
Quem acertar c'o este mal.»

A estas palavras do pai
Merieia a pálida frente,
Como quem diz: «Não o entendem,
Nem cura o meu mal consente.»

– «São pezares... não se sabe...»
Responde o físico-mor,
«Outro mal lhe não descubro...
Só se for o mal de amor.»

Um rubor desfalecido
Assomou na face lenta
Que já do suor da morte
Se cobria macilenta.

Os olhos que no pai tinha
Cravados desde que o viu,
Com mostras de pejo e medo.
Para a terra os descaiu.

– «Não tenhas, filha, receio,
Levanta os olhos, querida;
Seja quem for, será teu:
Jurei-o por tua vida.

«Seja ele ou rico ou pobre,
Seja fidalgo ou peão,
Desde já por genro o tomo,
E aqui lhe dou tua mão.»

Como quem o último esforço
De doce mágoa fazia,
Com inefável brandura
Os olhos ao pai erguia;

Suave longo suspiro
Dentre os lábios lhe fugiu
Era a vida que passava,
Que sem dor se despediu.

Foram para a amortalhar,
No peito um sinal lhe achavam

De letras que ninguém leu,
Que estranhas formas tomavam.

Sete sábios são chamados
Para haver de as decifrar:
Cada um sete línguas sabe.
Não as podem soletrar.

Só o mais velho dos sete,
Que andara na Palestina,
Disse: – «Outras letras como estas
Eu já vi numa ruína,

«Junto dos cedros do Líbano,
Já meio entre a terra e os céus,
Do tempo que às filhas do homem
Falavam anjos de Deus.

«Mas lê-las não sei nem posso:
Nem que soubesse, o fizera:
Segredos são de outro mundo
Que, neste, Deus não tolera.»

No alto daquele monte
Um alto cedro nasceu;
Os anjos o semearam,
Ou foram aves do céu.

Que ali cresceu de repente,
De uma noite para um dia;
E outro igual em todo o reino
Como aquele não havia:

Foi a noite que a princesa
Ali veio a sepultar:
Era um sítio seu querido
Donde sóia de estar,

Aonde horas esquecidas,
Sozinha, de quando em quando,
Com as estrelas do céu
Parecia estar falando;

E onde, uma noite sem lua
Que as estrelas mais brilhavam.
Houve quem visse nos ares
Umhas roupas que alvejavam,

E descer a pouco e pouco,
E ao pé da infanta parar

Um vulto... visão... ou sombra...
Mas sombra de luz sem par;

E foi desde aquela noite
Que a não viu mais rir ninguém.
Anjo era o que lhe falava...
Mas se de Deus... ou de quem?...

IV

O chapim del-rei ou parras verdes

Foi verdadeiramente reconstruída esta xácara dos fragmentos soltos da composição popular antiga, corno hoje se reconstruiria das pedras caídas de uma torre velha, – não exactamente o mesmo edifício, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou ali, seria mister empregar – mas quase a mesma coisa; na forma e nos materiais a mesmíssima.

Vieram-me de Évora os fragmentos por intervenção do sr. Rivara, o hábil e zeloso bibliotecário daquela cidade: são parte em prosa, parte em verso estado em que alguns destes fósseis se desenterram às vezes. Verifiquei depois que pelas vizinhanças de Lisboa se encontravam na mesma forma e quase os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o título de xácara que trazem muitos outros de nossos romances populares porque efectivamente creio que quadra mais aos desta espécie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, enquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente ele mesmo.

Nós temos, se me não engano, no género narrativo popular, as três espécies, *romance*, *xácara*, *solau*: no *romance* predomina a forma épica, conta e canta principalmente o poeta; na *xácara* prevalece a forma dramática, diz o poeta pouco, às vezes nada–falam os seus personagens muito: o *solau* é mais plangente e mais lírico, lamenta mais do que reconta o facto, tem menos diálogo e mais carpir; às vezes, como no Solau da Ama em Bernardim Ribeiro, não há senão o lamento de uma só pessoa que vai aludindo a certos sucessos, mas que os não conta.

Apesar do que levo dito no princípio destas linhas, como não posso negar que há bastante do meu cimento no ligar e assentar das pedras velhas, e elas eram tão poucas e tão soltas, esculpuzizei de pôr esta peça no II livro do *Romanceiro* para que me não acusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de fr. Bernardo de Brito.

A anedota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum facto que realmente acontecesse: – como, quando e onde? Não pude encontrar vestígio. É o que diz o pobre do conde, cismando:

O chapim aqui o tenho,
O chapim bem no topei:

mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para no-lo dizer.

Lisboa, 27 de Março de 1843.

O CHAPIM DEL-REI OU PARRAS VERDES

I

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas nela achei,
Tão maduras, tão coradas...
Estão dizendo «comei!»

– «Quero saber quem nas guarda;
Ide, mordomo, e sabei:»
Disse o rei ao seu mordomo.
Mas porque o dizia o rei?

Porque viu naquele monte
– E como ele o viu não sei –
Essa dona emparedada,
Não se sabe porque lei;

Que por seu mal é condessa,
Condessa de Valderey:
Antes ser pobre e vilã,
Antes pela minha fei!¹⁵

Verdes parras tem a vinha:
Uvas que lhe vira el-rei
Tão maduras, tão coradas,
Estão dizendo «comei»!

II

Veio o mordomo do monte:
– «Boas novas, senhor rei!
A vinha anda bem guardada,
Mas eu sempre lá entrei.

«O dono foi-se a outras terras,
Quando volverá não sei;
A porta é velha, e a porteira
Com chave de ouro a tentei.

«Serve a chave à maravilha,
Tudo por fim ajustei:
Esta noite à meia-noite
Convosco à vindima irei.»

– «Valeis um reino, mordomo,

¹⁵ *Fe, fee, fei*. Vid. nota no fim.

Grandes mercês vos farei:
 Esta noite à meia-noite
 Ricas uvas comerei.»

A vinha tem parras verdes,
 Madura a uva lhe achei;
 E tão madura, tão bela,
 Que está dizendo «comei!»

III

Ao pino da meia-noite
 Foi mordomo e foi o rei:
 Doblas que deram à velha,
 Um conto que nem eu sei.

– «Mordomo ficai à porta,
 À porta que eu entrarei;
 Não me saltem cães na vinha
 Enquanto eu vindimarei.»

A porteira o que lhe importa
 É o dá-me que te darei...
 No camarim da condessa
 Veis agora entrar o rei.

Levava um candil aceso;
 Era de prata, sabei:
 Não há senão prata e oiro
 Na casa de Valderey.

Da vinha as parras são verdes,
 As uvas maduras sei,
 São tão coradas, tão belas...
 Delas – quando comerei!

IV

No camarim da condessa
 Tudo andava à mesma lei,
 Era o céu daquele anjo:
 Que mais vos diga não sei.

Ricas sedas de Milão,
 Toalhas de Courteney...
 Tremia o rei... se era susto,
 Se era de gosto não sei,

Cortinas de seda verde

Vai ergo não erguerei...
 Tal clarão lhe deu na vista,
 Como não caiu não sei.

Era uma tal formosura...
 Ora que mais vos direi?
 Outro primor como aquele
 Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
 Ricas uvas lhe avistei,
 Tão formosas, tão maduras,
 Estão dizendo «comei».

V

Dormia tão descansada
 Como eu no céu dormirei
 Quando for tão inocente...
 Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite
 Ali fica o bom do rei,
 Pasmado a olhar para ela
 Sem bulir nem mão nem pei.¹⁶

E dizia: – «Senhor Deus!
 Perdoai-me o que já pequei,
 Mas este anjo de inocência
 Não sou eu que ofenderei.»

Tem verdes parras a vinha;
 Lindas uvas que eu lhe achei,
 Tenho medo que me travem...
 Delas, ai! não comerei.

VI

Já vinha arraiando o dia,
 E ele, como vos contei,
 Ouve apitar o mordomo...
 – «Jesus, senhor, me valei!»

Era o sinal ajustado
 – Vindo o conde, apitarei –
 Deixou cair as cortinas
 Dizendo: «Não vindimei!»

¹⁶ *Pé pee, pei.* Vid. nota no fim.

Lindas parras tem a vinha,
 Belas uvas nela achei;
 Mas doeu-me a consciência,
 Das uvas não comerei.

VII

Deita a correr com tal pressa
 Que voava o bom do rei:
 – «Ai que perdi um chapim...»
 – «Tomai, que um meu vos darei:

«Mas nem um instante mais,
 Que o conde já avistei
 Descendo daquela altura;
 Se nos colherá não sei...»

Era o medo do mordomo:
 Outro era o medo do rei.
 Qual deles tinha razão
 Agora vo-lo direi.

Parras verdes viu na vinha,
 Uvas maduras de lei;
 Foi travo da consciência,
 Diz: – «Delas não comerei.»

VIII

Chega o conde à sua torre,
 O conde de Valderey,
 Topou num chapim bordado...
 Como ficou não direi.

Vai-se ao quarto da condessa
 – «Morrerá, matá-la-ei.»
 Viu-a dormir tão serena:
 – «Jesus! não sei que farei!»

Corre a casa ao derredor:
 – «Deus me tenha em sua lei,
 Que ou esta mulher é bruxa
 Ou eu c'o chapim sonhei!

«O chapim aqui o tenho,
 O chapim bem no topei...
 Mas que durma assim tão manso

Quem tal fez, não no crerei.»

Entrou a cismar naquilo:
 – «Valha-me Deus! que farei?
 Por menos fica homem doudo:
 E eu como o não ficarei?»

Minha vinha tão guardada!
 Uvas que nela deixei
 Não é fruta que se conte...
 De que me falta não sei.»

IX

Foi-se fechar no mais alto
 Da torre de Valderey:
 – «Não quero comer do pão,
 Nem do vinho beberei;

«Minhas barbas e cabelos
 Também mais os não farei,
 Que esta verdade não saiba
 Daqui me não tirarei.»

Verdes parras dessa vinha,
 Uvas que eu não comerei,
 Ficai-vos secas embora,
 Que eu já agora – morrerei.

X

Por três dias e três noites
 Que se guarda aquela lei;
 Clama a triste da condessa:
 – «Ao seu mal que lhe farei!»

De quem foi ela valer-se?
 Agora vo-lo direi.
 Foi lastimar-se a inocente...
 Onde iria? – ao próprio rei.

– «Ide, condessa, ide embora,
 Que eu remédio lhe darei;
 O segredo do seu mal
 Sei-o eu... Se o saberei?

«Palavra de cavaleiro
 Em lealdade vos darei,
 Que ou ele há-de ser quem era,

Ou eu, quem sou, não serei.»

As verdes parras da vinha,
As uvas que eu cobicei,
Elas a travar-me na alma...
E mais delas não provei!

XI

Fora dali a condessa,
Não tardou em ir o rei;
– «Quero ouvir o que eles dizem,
A esta porta escutarei.»

Ouviu uma voz celeste
Como tal nunca ouvirei,
Cantando em doce toada
Este triste virelei:

– «Já fui vinha bem cuidada,
Bem querida, bem tratada:
Como eu medrei!
Ora não sou nem serei:
O porquê não sei
Nem no saberei!»

Com as lágrimas nos olhos
Foi dali o bom do rei:
– «Ouçamos agora o outro,
E o que sabe, saberei!»

– «Minha vinha tão guardada!
Quando nela entrei
Rastos do ladrão achei;
Se me ele roubou não sei:
Como o saberei?»

Era o conde a lastimar-se.
Sorrindo dizia o rei
(Se era de si ou do conde
Que ele se ria não sei):

«Eu fui que na vinha entrei,
Rastos de ladrão deixei,
Parras verdes levantei,
Uvas belas
Nelas – vi:
E assim Deus me salve a mim
Como delas

Não comi!»

XII

A porta tinha uma fresta:
Tirou o chapim do pei, ¹⁷
Atirou-lho para dentro,
Disse-lhe: «Vede e sabeis.»

Do mais que ali sucedeu
Para que vos contarei?
O conde soube a verdade,
E o rei soube – ser rei.

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas lá deixei:
Quem ma guardou foi o medo...
De Deus e da sua lei.

¹⁷ Vid. nota no fim.

V

Rosalinda

É verdadeiramente sublime, em toda a frescura viçosa das imagens da poesia primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que há de asqueroso numa sepultura desaparece do túmulo em que amor desfolhou os seus goivos: ali não há corrupção nem vermes: uma bela árvore, um rosal florido reproduzem em novas e mudadas formas' os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva desses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que já animou aquele sangue. Tendem umas para as outras as apaixonadas vergôntes; cortam-nas e elas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELO, sente-o qualquer porque é belo deveras. Assim se popularizou esta imagem e fez a volta da Europa, que a achamos nos romances e solaus de quantos povos entraram na grande comunhão romano-céltica, romano-teutónica, ou celto-teutónica: – talvez seja o modo mais exacto de dizer, este último. O romance *Prince Robert*, publicado por *sir* Walter Scott, da tradição oral das raias da Escócia¹⁸, remata com estas copias:

*The tane was buried in Marie's kirk
The tother in Marie's quair;
And out o'the tane there spring a birk,
And out o' the tother a brier.*

*And thae twa met, and thae twà plat,
The birk but and the brier;
And by thar ye may very weel ken
They were twa lovers dear.*

Cito estas copias escocesas por serem as que mais se parecem com as do nosso romance: há muitos outros paralelismos, mais ou menos aproximados, nos romanceiros e cancioneiros de quase todas as línguas. Não é possível descobrir hoje onde nasceu a ideia original; no português é onde ela está mais lindamente expressada e com mais «sentimento». Na famosa história de *Dom Tristão*, apontada a este propósito por Sir Walter Scott, ocorre a mesma imagem.

«*Ores veitil que de la tumbre de Tristam yssait une bel/e ronce verte et feuilleuse, qui aleoit par la chapelle, et descendoit te bout de la ionce sur la tumbre d'Isseult, et entroit dedans.*» Três vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continua o bom do historiador, Rusticien de Pise, «*le Iendemain estoit oussi belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult à tout jamais advenir.*»

É um ponto luminoso rara as indagações filológicas na história das línguas modernas ou da sua poesia, que é a mesma coisa. É para mais ainda; porque a história do homem, por aqui a há-de começar a estudar quem verdadeiramente a quiser saber.

Eu fiz este romance de três fragmentos diversos, tão fragmentos, que nenhum deles por si se entendia bem. O primeiro apareceu-me inserido no de *Eginaldo*, *Reginaldo* – ou *Girinaldo*, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiros envoltos com o de *Clarialinda* ou Clara-lindes, que os castelhanos chamam *Clara niña*, e ao romance o do *Conde Claros*.

¹⁸ *Minstrelsy of the Scottish border, etc.*, by Sir Walter Scott, *mihi*, ed. de Paris, 1838 – 2 vol. pág. 125.

No lugar competente do Cancioneiro darei esses romances que hoje tenho restituídos pela colação de outros fragmentos e de melhores cópias que depois me vieram.¹⁹

Campolide, 8 de Setembro 1843.

¹⁹ Vej. o romance *Claralinda*; o romance *Conde Nilo*; *ibid.* o romance *Peregrina*.

ROSALINDA

Era por manhã de Maio,
Quando as aves a piar,
As árvores e as flores,
Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de Maio,
À fresca riba de mar,
Quando a infanta Rosalinda
Ali se estava a tocar.

Trazem das flores vermelhas,
Das brancas para a enfeitar.
Tão lindas flores como ela
Não nas puderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
Que a rosa, que o nenúfar,
Mais pura que a açucena
Que a manhã abre a chorar.

Passava o Conde almirante
Na sua galé do mar;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar;

Cativos que a vão remando
A Moirama os foi tomar;
Deles são grandes senhores,
Deles de sangue real:

Que não há moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar,
Mas sai o Conde almirante
Na sua galé do mar.

Oh que tão linda galera,
Que tão certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

– «Dizei-me, oh Conde almirante
Da vossa galé do mar,
Se os cativos que tomais
Todos los fazeis remar?»

– «Dizei-me, a bela Infanta,
Linda rosa sem igual,

Se os escravos que lá tendes
 Todos vos sabem tocar?»

– «Cortês sois, Dom Almirante;
 Sem responder, perguntar!»
 – «Responder, responderei,
 Mas não vos heis-de enfadar:

«Cativos tenho de todos,
 Mais bastos que um aduar;
 Uns que mareiam as velas,
 Outros no banco a remar.

«As cativas que são lindas
 Na popa vão a dançar,
 Tecendo alfombras de flores
 Para o senhor se deitar.»

– «Respondeis, respondo eu,
 Que é boa lei de pagar:
 Tenho escravos para tudo,
 Que fazem o meu mandar;

«Deles para me vestir,
 Deles para me tocar...
 Para um só tenho outro emprego,
 Mas está por cativar...

– «Cativo está, tão cativo
 Que se não quer resgatar.
 Rema, a terra a terra, moiros,
 Voga certo, e a varar!»

Já se foi a Rosalinda
 Com o Almirante a folgar.
 Fazem sombra as laranjeiras,
 Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
 A nenhum bem sem desar,
 Faz que um monteiro del-rei
 Por ali venha a passar.

– «Oh monteiro, do que viste;
 Monteiro, não vás contar:
 Dou-te tantas bolsas de oiro
 Quantas tu possas levar.»

Tudo o que viu o monteiro
 A.. el-rei o foi contar,

A casa da Estudaria
Onde el-rei estava a estudar.

– «Se à puridade o disseras,
Tença te havia de dar:
Quem tais novas dá tão alto,
Alto há-de ir... a enforçar.

– «Arma, arma, meus archeiros
Sem charamelas tocar!
Cavaleiros e piões,
Tudo à tapada a cercar.»

Inda não é meio-dia,
Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia-noite,
Vão ambos a degolar.

Ao tope de ave-marias
Foram ambos a enterrar:
A Infanta no altar-mor,
Ele à porta principal.

Na cova da Rosalinda
Nasce uma árvore real,
E na cova do Almirante
Nasceu um lindo rosal.

El-rei, assim que tal soube,
Mandou os logo cortar,
E que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar:
E o vento que encostava,
E eles iam-se abraçar,

El-rei, quando tal ouviu,
Nunca mais pôde falar;
A Rainha, que tal soube,
Caia logo mortal.

– «Não me chamem mais rainha,
Rainha de Portugal...
Apartei dois inocentes
Que Deus queria juntar!»

VI

Miragaia

E a terceira vez que se imprime o romance *Miragaia*; só agora porém vai restituído ao seu devido lugar neste primeiro livro do *Romanceiro*. Publicou-se primeiramente no *Jornal das Belas-Artes*²⁰, foi logo vertido em inglês não sei por quem, e não me lembra em que publicação apareceu, nem o acho.

Traduziu-o em francês um curioso²¹; e não me meto a apreciar a que ele modestamente chama imitação do meu romance; dou-a em apêndice.

Também sei que existe uma versão castelhana pelo sr. Isidoro Gil, o mesmo que neste idioma traduzira o *Bernal-Francês*. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

Eu, quando dei esta bagatela aos Srs. editores do *Jornal das Belas-Artes* para encherem algum vão que lhes sobrasse naquela sua linda e elegante publicação, escrevi, a um canto do próprio rascunho original que não tive paciência de copiar, as seguintes palavras:

«Este romance é a verdadeira reconstrução de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da história *rezada* ainda hoje repetida por velhas e barbeiros do lugar. O conde D. Pedro e os cronistas velhos também fabulam cada um a seu modo sobre a legenda. O autor, ou, mais exactamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sobretudo quis ser fiel ao estilo, modos e tom de contar e cantar dele; sem o que, é sua íntima persuasão que se não pode restituir a perdida nacionalidade à nossa literatura.»

O *Postscriptum*, servindo de nota ao comento, saiu impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por extremo lisonjeiras dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como eles mereciam por sua gentil empresa, que era a mais bela e das mais úteis que se têm cometido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha *Miragaia* com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permitirem que se fizesse com elas a pequena edição em separado com que quis brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era um folha avulsa do meu *Romanceiro*, e nele vai reposta agora que se oferece tempo e lugar conveniente.

Foi das primeiras coisas deste género em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscência da poesia popular que me ficou da infância, porque eu abri os olhos à primeira luz da razão nos próprios sítios em que se passam as principais cenas deste romance. Dos cinco aos dez anos de idade vivi, com meus pais numa pequena quinta, chamada «O Castelo» que tínhamos aquém Douro, e que se diz tirar esse nome das ruínas que ali jazem do castelo mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquíssima de Nossa Senhora com a mesma invocação do Castelo' e com a sua legenda popular também, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sítios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja água é deliciosa com efeito; e tenho ideia de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de São Miguel, os toques da buzina de S. M. Leonesa, empoleirando-me, como ele, num resto

²⁰ *Jornal das Belas-Artes*, Lisboa, 1855 vol. I.

²¹ Mr. Zanoletti, que foi depois, em 1848-1849, adido à legação francesa na China.

da muralha velha do castelo del-rei Alboazar: o. que meu pai desaprovou com tão significativa energia, que ainda hoje me lembra também.

Assim olho para esta pobre *Miragaia* como para um brinco meu de criança que me aparecesse agora; e quero-lhe – que mal há nisso? – quero-lhe como a tal. Não a julguem também por mais, que o não vale.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1847.

MIRAGAIA

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tão formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrelas de oiro
Quem nas poderá contar!

Quantas folhas há no bosque,
Areias quantas no mar?
Em tantas letras se escreve
O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia
Nessas letras decifrar!
Que a ler no livro de Deus
Nem anjo pode atinar.

Bem ledó está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar;
Uni perro bruxo judio
Foi causa de ele a roubar.

Disse-lhe que pelos astros
Bem lhe podia afirmar
Que Zahara, a flor da beleza,
Lhe devia de tocar.

O rei veio de cilada
De além do Doiro passar,
E furtou a linda moita,
A irmã de Alboazar.

A Melhor, que é terra sua
E está na beira do mar,
Se acolheu com sua dama...
Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha.
Não se pode consolar;
Deixá-la por essa moita,
Deixá-la com tal desar!

E a noite é escura cerrada,
Noite negra sem luar...
Ela sozinha ao balcão
Assim se estava a queixar:

– «Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pesar,
Em que te errei de alma ou corpo,
Que fiz para tal penar?

«Diz que é formosa essa moira,
Que te soube enfeitiçar.
Mas tu dizias-me dantes
Que eu era bela sem par.

«Que é moça, na flor da vida...
Eu, se ainda bem sei contar,
Há três que tinha vinte anos,
Fi-los depois de casar.

«Diz que tem os olhos pretos,
Destes que sabem mandar...
Os meus são azuis, coitados!
Não sabem senão chorar.

«Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaia... Que acertar!
Eu fiquei sem alegria,
Ela a flor não torna a achar.

«Oh! quem pudera ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fora já direita
A esse moiro Alboazar...»

Palavras não eram ditas,
Os olhos foi a abaixar,
Muitos vultos acercados
Ao palácio viu estar;

– «Peronela, Peronela,
Criada do meu mandar,
Que vultos serão aqueles
Que por ali vejo andar?»

Peronela não responde;
Que havia de ela falar?
Ricas peitas de oiro e jóias
A tinham feito calar.

A rainha que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sete moiros cavaleiros
A foram logo cercar;

Soltam pregas de um turbante,
 A boca lhe vão tapar:
 Três a tomaram nos braços...
 Nem mais um ai pôde dar.

Criados de sua casa
 Nenhum veio a seu chamar;
 Ou peitados ou cativos
 Não na podem resgatar.

São sete os moiros que entraram
 Sete os estão a aguardar;
 Não falam nem uns nem outros
 E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
 Parece aos outros mandar...
 Juntos juntos, certos certos,
 Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
 Vão correndo sem cessar,
 Pelos montes trote largo,
 Por vales a desfilar.

Nos ribeiros – peito na água,
 Chape, chape, a vadear!
 Nas defesas dos valados
 Up! Salto – e a galgar!

Vai o dia alvorecendo,
 Estão à beira do mar,
 Que rio é este tão fundo
 Que nele vem desaguar?

A boca já tinha livre.
 Mas não acerta a falar
 A pasmada da rainha...
 Cuida ainda de sonhar!

– «Rio Doiro, rio Doiro,
 Rio de mau navegar,
 Dize-me, essas tuas águas
 Adonde as foste buscar;

«Dir-te-ei a pérola fina
 Aonde eu a fui roubar.
 Ribeiras correm ao rio,
 O rio corte a lá mar.

«Quem me roubou minha jóia,
Sua jóia lhe fui roubar...»
O moiro que assim cantava,
Gaia que o estava a mirar...

Quanto o mais mirares Gala,
Mais formoso o hás-de achar.
– «Que de barcos que ali vêm!»
– «Barcos que nos vêm buscar.»
– «Que lindo castelo aquele!»
– «É o do moiro Alboazar.»

CANTIGA SEGUNDA

Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pesar,
Ruins fadas te fadaram,
Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,
O que não tens cobiçar!...
Zahara, a flor dos teus cuidados,
Já te não dá que pensar.

A rainha que era tua,
Que não soubeste guardar,
Agora morto de zelos
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aqueles
Doiro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E eles mansinho a remar!

Coseram-se com a terra,
Lá se foram encostar;
Entre os ramos dos salgueiros,
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:
Onde irá naquele andar?
Leva bordão e esclavina,
Nas contas vai a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,
O sol já vem a rasgar,
Pela encosta do castelo
Vai um romeiro a cantar:

– «Santiago de Galiza,
 Longe fica o vosso altar:
 Peregrino que lá chegue
 Não sabe se há-de voltar.»

Na encosta do castelo
 Uma fonte está a manar;
 Donzela que está na fonte
 Pôs-se o romeiro a escutar.

A donzela está na fonte,
 A jarra cheia a deitar:
 – «Bendito sejais, romeiro
 E o vosso doce cantar!

«Por estas terras de moiros
 É maravilha de azar,
 Ouvir cantigas tão santas,
 Cantigas do meu criar.

«Sete padres as cantavam
 Á roda de um bento altar,
 Outros sete respondiam
 No coro do salmear.

«Entre vésperas e completas,
 E os sinos a repicar.
 Ai triste da minha vida
 Que os não oiço já tocar!

«E as rezas destes moiros
 Ao demo as quisera eu dar.»
 Ouvireis ora o romeiro
 Resposta que lhe foi dar:

– «Deus vos mantenha, donzela,
 E o vosso cortês falar:
 Por estas terras de moiros
 Quem tal soubera de achar!

«Por vossa tenção, donzela,
 Uma reza hei-de rezar.
 Aqui ao pé desta fonte,
 Que não posso mais andar.

«Oh! que fresca está a fonte,
 Oh! que sede de matar!
 Que Deus vos salve, donzela,
 Se aqui me deixais sentar.»

– «Sente-se o bom do romeiro,
Assente-se a descansar.
Fresca é a fonte, doce a água,
Tem virtude singular:

«Doutra não bebe a rainha
Que aqui ma manda buscar
Por manhãzinha bem cedo,
Antes do sol aquestar.»

– «Doce água deve ser,
De virtude singular:
Dai-me vós uma vez dela,
Que me quero consolar.»

– «Beba o peregrino, beba
Por esta fonte real,
Cântara de prata virgem,
Tem mais valor que oiro tal.»

– «Dona Gala que diria,
Que faria Alboazar
Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?...»

– «Inda era noite fechada
Meu senhor foi a caçar:
Maus javardos- o detenham,
Que é bem ruim de aturar!

«Minha senhora, coitada,
Essa não tem que falar:
Quem já teve fontes de oiro
Prata não sabe zelar.»

– «Pois um recado, donzela,
Agora lhe heis-de levar;
Que o romeiro cristão
Lhe deseja de falar.

«Da parte de um que é já morto,
Que morreu por seu pesar,
Que à hora de sua morte
Este anel lhe quis mandar.»

Tirou o anel do dedo
E na jarra o foi deitar:
– «Quando ela beber da água
No anel há-de atentar.»

Foi-se dali a donzela
 Ia morta por falar...
 – «Anda cá ó Peronela,
 Criada de meu mandar.

«Tua ama morrendo à sede
 E tu na fonte a folgar?
 – «Folgar não folguei, senhora,
 Mas deixei-me adormentar,

«Que a moira vida que eu levo
 Já não na posso aturar.
 Ai terra da minha terra,
 Ai Melhor da Beira-mar!

«Aquela sim que era vida,
 Aquilo que era folgar!
 E em santo temor de Deus:
 Não aqui neste pecar!»

– «Cal'-te, cal'-te, Peronela,
 Não me queiras atentar;
 Que eu a viver entre moiros
 Me não vim por meu gostar,

«Mas já tenho perdoado
 A quem lá me foi roubar;
 Que antes escrava contente,
 Do que rainha a chorar.

«Forte cristandade aquela,
 Bom era aquele reinar!
 Viver só, desamparado,
 Ver a moira em meu lugar!...»

Lembrava-lhe a sua ofensa,
 Está-lhe o sangue a queimar;
 Na água fria da fonte
 A sede quis apagar.

A fonte de prata virgem
 À boca foi a levar,
 As ricas pedras do anel
 No fundo viu a brilhar.

– «Jesus seja co'a minha alma!
 Feitiços me querem dar...
 O fogo a arder dentro na água,
 E ela fria de nevar!»

– «Senhora, co esses feitiços
Me tomara eu embruxar!
Foi um bendito romeiro
Que à fonte fui encontrar,

«Que aí deitou esse anel
Para prova singular
De um recado que vos trouxe,
Com que muito heis-de folgar.»

– «Venha já esse romeiro
Que lhe quero já falar:
Embaixador deve ser
Quem trás presente real.»

CANTIGA TERCEIRA

– «Por Deus vos digo, romeiro,
Que vos queirais levantar;
Minhas mãos não são relíquias,
Basta de tanto beijar!»

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhe quer largar:
Os beijos uns sobre os outros,
Que era um nunca acabar.

Ia a enfadar-se a rainha,
Viu que entrava a soluçar,
E as lágrimas, quatro e quatro,
Nas mãos sentia rolar:

– «Que tem o bom do romeiro,
Que lhe dá tanto pesar?
Diga-me lá suas penas
Se lhas posso aliviar.»

– «Minhas penas não são minhas,
Que aos mortos morre o penar;
Mas a vida que eu perdi
Em vós podia encontrar.

«Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pesar!
Que uma rainha cristã
Feita moira vim achar...»

– «Romeiro, não tomeis cuita
Por quem se não quer cuitar:

Do que foi já me não lembro,
O que sou não me é desar.

«Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o pecar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe há-de tomar.»

– «Pois não espereis, senhora,
Por Deus, que pode tardar:
Dom Ramiro, aqui o tendes,
Mandai-o já castigar.»

Em pé está Dom Ramiro,
Já não há que disfarçar:
Aqueles barbas tão brancas
Caíram de um empuxar.

O bordão e a esclavina
A terra foram parar;
Não há ver mais gentilezas
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aqueles
Com o que ela está a mirar!
Quem passou já transe de alma
Como ela está a passar!

Um tremor que não é medo,
Um sorriso de enfiar,
Vergonha que não é pejo,
Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e vêm
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar:
Assim perdoa ele e vive,
Ela não – que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos,
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,
O gosto de triunfar

Num coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
C'os seus no monte a caçar,
Ela só naquela torre...
Prudência e dissimular!

Abre a boca a um sorriso
Doce e triste – de matar!
Tempera a chama dos olhos,
Abafa-a por mais queimar.

Pôs na voz aquele encanto
Que, ou minta ou não, é fatal;
E com o inferno no seio,
Fala o céu no seu falar,

Já os amargos queixumes
Se embrandecem no chorar,
E em sua própria justiça
Com arte finge afrouxar.

Protesta a boca a verdade:
– «Que não há-de perdoar...»
Mas a verdade dos lábios
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
Alí se estava a humilhar,
Suplica, roga, promete...
Ela parece hesitar.

Senão quando, uma buzina,
Se ouviu ao longe tocar...
A rainha mal podia
O seu prazer disfarçar:

– «Escondei-vos, Dom Ramiro,
Que é chegado Alboazar.
Depressa neste aposento...
Ou já me vereis matar.»

Mal a chave deu três voltas,
Na manga a foi resguardar;
Mal tirou a mão da cota,
Que o rei moiro vinha a entrar:

– «Tristes novas, minha Gaia,
Novas de muito pesar!

Primeira vez em três anos
Que me sucede este azar!...

«Toquei a minha buzina
Às portas, antes de entrar,
E não correste às ameias
Para me ver e saudar!

«Muito mal fizeste, amiga,
Em tão mal me costumar;
Não sei agora o que fazes
Em me querer emendar..»

No coração da rainha
Batalhas se estão a dar
Os mais estranhos afectos
Que nunca se hão-de encontrar:

O que foi, o que é agora...
E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
E o gosto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
Deviam de triunfar,
Que era em peito de mulher
Que a batalha se foi dar.

«Novas tenho e grandes novas,
Amigo para vos dar:
Tomai esta chave e abride,
Vereis se são de pesar.»

Com que ânsia ele abriu a porta
Vista que foi encontrar !...
Palavras que ali disseram,
Não nas saberei contar;

Que foi um bramir de ventos,
Um bater de águas no mar,
Um confundir céu e terra,
Querer-se o mundo acabar.

Vereis por fim o rei moiro
Que sentença veio a dar:
– «Perdeste a honra, cristão;
Vida, quero ta deixar...

«De uma vez, que me roubaste,
Muito bem me fiz pagar:

Desta basta-me a vergonha
Para de ti me vingar.»

Sentia-se el-rei Ramiro
Do despeito devorar;
Com ar contrito e afligido
Assim lhe foi a falar:

– «Grandes foram meus pecados,
Poderoso Alboazar;
E tais que a mercê da vida
De ti não posso aceitar:

«Eu não vim a teu castelo
Senão só por me entregar,
Para receber a morte
Que tu me quiseses dar;

«Que assim me foi ordenado
Para minha alma salvar
Por um santo confessor
A quem me fui confessar.

«E mais me disse e mandou
E assim to quero rogar,
Que, pois foi pública a ofensa,
Público seja o penar:

«Que aí nessa praça de armas
Tua gente faças juntar;
Aí diante de todos
A vida quero acabar.

«Tangendo nesta buzina,
Tangendo até rebentar;
Digam todos que isto virem,
E lhes fique de alembrar:

«Grande foi o seu pecado,
No mundo andou a soar;
Mas a sua penitência
Mais alto som veio a dar.»

Quisera-lhe o bom do moiro
Por força ali perdoar;
Mas se a perra da rainha
Jurou de à morte o levar!...

Veis na praça do castelo,
Toda a moirama a ajuntar;

Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas léguas à roda
Reboava o buzinar.

Se o ouvirão nas galés
Que deixou à beira-mar?
Decerto ouviram, que um grito
Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

– «Santiago!... Cerra, cerra!
Santiago, e a matar!»
Abertas estão as portas
Da torre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para as velar...
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leoneses
Já portas adentro a entrar.
Deixa a buzina Ramiro,
Mão a espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou cativo.
Já o castelo está a queimar;
Às galés com seu despojo
Se foram logo a embarcar.

– «Voga, rema! dalém Doiro
À pressa, à pressa a passar,
Que já oiço ali na praia
Cavalos a relinchar.

«Bandeiras são de Leão
Que lá vejo tremular
Voga, voga, que além Doiro
É terra nossa!... A remar!

«Daqui é moirama cerrada
Até Coimbra e Tomar.
Voga, rema, e dalém Doiro!
Daquém não há que fiar.»

À popa vai Dom Ramiro
De sua galé real
Leva a rainha à direita,
Como quem a quer honrar:

Ela muda, os olhos baixos
Leva na água... sem olhar,
E como quem de outras vistas
Se quer só desafrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem nisso a atentar;
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro falar.

Ainda arde, inda fumega
O alcáçar de Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
Triste se pôs a mirar;

As lágrimas, uma. e urna
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ela as chorar.

Olhou el-rei para Gala,
Não se pôde mais calar;
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pesar.

Do mau termo atraídoado
Que com ele fora usar
Quando o entregou ao moiro
Tão só para se vingar.

Com voz enternecida
Assim lhe foi a falar.
– «Que tens Gala... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar,

«Que o feito é feito...» – «E-bem feito!»
Tornou-lhe ela a soluçar,
Rompendo agora nuns prantos
Que parecia estalar;

«É bem feito, rei Ramiro
Valente acção de pasmar!
À lei de bom cavaleiro,
Para de um rei se contar!

«À falsa fé o mataste...
Quem a vida te quis dar!
À traição... que de outro modo,
Não és homem para tal.

«Mataste o mais belo moiro
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e cristãos
Nunca mais não terá par.

«Perguntas-me porque choro!...
Traidor rei, que hei-de eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços;
Que a teu poder vim parar.

«Perguntas o que miro?
Traidor rei, que hei-de eu mirar
As torres daquele alcáçar,
Que ainda estão a fumar.

«Se eu fui ali tão ditosa,
Se ali soube o que era amar,
Se ali me fica alma e vida...
Traidor rei, que hei-de eu mirar!»

– «Pois *mira, Gaia!* E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
«*Mira, Gaia,* que esses olhos
Não terão mais que mirar».

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fora empuxa o corpo
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora
Memória está a durar;
Gaia é o nome do castelo
Que ali *Gaia* fez queimar:

E dalém Doiro, essa praia
Onde o barco ia aproar
Quando bradou – «*Mira, Gaia?*»
O rei que a vai degolar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem – *Miragaia*
Daquele fatal mirar.

VII

Por bem

AS PEGAS DE SINTRA

Dou aqui lugar a esta composição, que moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anedota devera ter sido celebrada pelos menestréis do tempo: não o foi, e eu procurei suprir o seu descuido. Não aparece pois em meu nome, senão no deles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez saiu de minha carteira a presente balada foi para se imprimir na *Ilustração*²², jornal que se publicava em Lisboa em 1845-46. Reimprimirei com ela aqui também a carta que então escrevi ao redactor daquele jornal, porque deveras contém a história de sua composição.

Eis aqui a carta:

«Queria escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua *Ilustração*, que realmente faz milagres no meio desta escassez de tudo, e destes impedimentos para tudo que caracterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido há muito. Mas como, mas quando E que há-de um homem, escrever que se leia – que se leia por damas belas e elegantes cavalheiros – quando lhe anda entalado nos bicos da pena o fatal fio da política, que a fez espirrar e esgravatear em tudo o mais?

«Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organizações ministeriais, e não sei que mais coisas tais, foi-se-me de todo a derradeira reminiscência literária que ainda por cá havia. Tenho saudade dela, mas foi-se, «morreu pela pátria!»

«Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

«Eu porém nunca prometi, que faltasse, a homem nenhum – nem a mulher, que mais é! O ponto está que me aceitem em pagamento aquilo que eu posso dar. Que, às vezes, o mau pagador não é mau senão pelas absurdas e excessivas exigências do credor. Axioma da eterna verdade, especialmente quando aplicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pai Adão e as representantes de nossa mãe Eva...

«Passemos adiante. Quer, senhor redactor, aceitar-me, em pagamento da letra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo género?

«Se quer aqui o tem e disponha dele.

«Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

«Estava eu em Sintra, foi em. Que importa lá quando. foi? Basta saber que não era nessa estação *fashionavel* em que a elegância de Lisboa se vai enfastiar classicamente para o mais romântico sitio da terra. Era na primavera; passeavam dois sós, ou quase sós, naquele Éden delicioso. Fornos ver o palácio; chegamos à sala das pegas. Pegas são chocalheiras e linguarudas; eu detesto o bicho... e neste tempo, estava-lhe com zanga de morte...

«Abominável bicho! Isto já lá vai há muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue...

«Passemos adiante!

«Perguntaram-me a explicação daquelas pegas da sala. Conte a história popular que é tão sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a pusesse em verso: fiz isto.

²² *Ilustração*, vol. II, nº 5, 1 de Agosto de 1846.

«E isto que é? Não sei. É romance ou é apólogo? É fábula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador dessas coisas; que fará agora!

«O que lhe sei dizer é que no século XVI a XVII, segundo consta do *Fidalgo aprendiz* do nosso Francisco Manuel de Meio, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta:

*Gavião, gavião branco,
Vai ferido e vai voando.*

«Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por ele; mas engracei com este princípio, e servi-me dele aqui. Acha mal feito? Eu não.

«Se soubesse, meu caro senhor, todas as circunstâncias desta composição! Se soubesse de certa pega ou pegas que me perseguiram com o seu maldito palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, elas pegas, as manhas que só elas têm!

«Mas ficou lograda a pega e...

«Adeus, meu amigo, outra vez, adiante! O gavião, e sobretudo o gavião branco – note – é animal nobre, de espécie, género e até de família diferente da pega.

«Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a pátria.»

Julho, 22 – 1846.

POR BEM

AS PEGAS DE SINTRA

Gavião, gavião branco
Vai ferido e vai voando:
Mas não diz quem no feriu,
Gavião, gavião branco!

O gavião é calado,
Vai ferido e vai voando;
Assim fora a negra pega
Que há-de sempre andar palrando.

A pega é negra e palreira,
O que sabe vai cantando...
Muito palra, palra a pega
Que sempre há-de estar pairando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem às vezes, falando,
O segredo dos sisudos
Que eles não guardam calando.

Era uma pega no paço
Que el-rei tomara caçando;
Trazem-na as damas mimosa
Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Sintra
Onde estava el-rei poisando:
A rainha e as suas damas
No jardim andam folgando,

Entre açucenas e rosas,
Entre os goivos trabalhando;
Um regavam as flores,
Outras as vão apanhando:

E a minha pega com elas
Sempre, sempre palreando.
Vinha el-rei atrás de todos
Com Dona Mécia falando,

Era a mais formosa dama
Que andava naquele bando;
No ombro de Dona Mécia,
A pega vinha poisando.

E zelosa parecia
 Que os andava espreitando...
 Colhera el-rei uma rosa,
 A Dona Mécia a ia dando,

Com um requebro nos olhos
 Tão namorado e tão brando...
 Inda bem, minha rainha.
 Que adiante te vais andando!

Pegou na rosa a donzela,
 Disfarçada a está cheirando...
 Senão quando a negra pega
 Que lha tira e vai voando.

Deu um grito Dona Mécia...
 E a rainha voltando,
 Deu com os olhos em ambos...
 Ambos se estão delatando.

– «Foi por bem!» – lhe disse o rei,
 Seu acordo recobrando:
 – «Foi por bem!» – «Por bem» repete
 A pega em. torno voando.

– «Por bem, por bem!» grasna a tonta,
 De má malícia cuidando
 Co'a chocalheira da língua
 Andar o caso enredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
 Guardem às vezes falando
 O segredo dos sisudos
 Que eles não guardam calando.

Riu-se a rainha da pega,
 E ficou acreditando
 Que a inocência do caso
 Nela se estava provando:

Da pega mexeriqueira,
 Do bem que fez, mal pensando,
 Nos reais paços de Sintra
 A memória está durando.

E eis aqui, senhora, a história
 Da pega que aí vez falando,
 Da rosa que tem no bico,
 Da letra que a está cercando,

A pega é negra e palreira,
O que sabe vai contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem segredo falando.

O Gavião, esse é outro;
Vai ferido e vai voando:
Mas não diz quem no feriu...
Gavião, gavião branco!

NOTAS

AO BERNAL - FRANCÊS

Nota A

– «*Quem bate à minha porta,
Quem bate, oh! quem está aí?*»...

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memória do povo, e somente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da *Adosinda*, em 1828. Já noutra parte se deram as razões por que irá agora o texto no lugar competente do *Romanceiro*, no segundo livro e segundo volume dele. (*Nota da segunda edição*).

À NOITE D. SÃO JOÃO

Nota A

*Té os moiros da Moirama
Festejam a São João...*

É uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada, por toda essa noite de São João, que naquelas terras ninguém dorme, como é sabido. A superstição da alcachofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirmã daquelas do dia de Maio, que o católico senado municipal votou e prometeu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas São João fez-se um santo de exemplar tolerância desde que lhe tiraram a cabeça por ele não poder ver, sem ralhar, as desenvoltas pernas da bailadeira Herodíade.

Não quero folgar com o que é sério: mas é notável que a devoção quase universal dos cristãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do ano, ao austero precursor do Cristo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortesã, o protomártir da moralidade evangélica

Seria que a tímida singeleza de nossos passados fosse de propósito buscar aquele austero e invisível inspector de seus ainda então inocentes brinquedos? (*Nota da segunda edição*).

AO CHAPIM DEL-REI

Nota A

*Nós temos, se me não engano, no género narrativo popular as três espécies,
romance, xácara, solau...*

Esta classificação é em parte conjectural, ou para falar com mais propriedade, sim esta é a regra, mas com tantas excepções que chegam a fazer duvidar dela. Os que escreviam e compunham naqueles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. Dai veio uma certa anarquia, constituída e fundada no

exemplo, ou na falta dele, que se prolongou por muitos séculos depois.

A respeito de solaus, por exemplo, temos para abonar a definição que deles se dá no lugar anotado, a autoridade imensa de Bernardim Ribeiro na *Menina e Moça*: aí cap. 21:

Pondo-se a ama a pensar a menina sua criada, como sola, como pessoa agastada de algũa nova dor, se quis tornar às cantigas; e começou ela então, Contra a menina que estava pensando, a cantar-lhe um cantar à maneira de solau, que era o que, nas coisas tristes, se acostumava nestas partes, e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave peso de Sá de Miranda na Égloga 4:

*Que se os velhos solaus falam verdade,
Bem sabe ela por prova como Amor
Mágoa, e haverá de mi piedade.*

Da primeira citação parece concluir-se que o solau é como deixa dito' um cantar todo lírico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a província do romance. (*Nota da segunda edição*).

Vej. o que a este respeito se escreve no liv. II do *Romanceiro*. (*Nota da terceira edição*).

Nota B

*Antes ser pobre e vilã,
Antes, pela minha fei...*

Nas províncias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras, *fé*, pé e semelhantes – *fei*, *pei*, etc. Talvez seja devido à antiga ortografia que nas vogais longas, *o*, *e*, dobrava as letras em vez de as carregar com acento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hiatos, preferiu mudar a última letra, fazendo o som mais suave. (*Nota da segunda edição*).

Nota C

Sem bulir nem mão nem pei...

Vej. a nota antecedente. (*Idem*)

À ROSALINDA

Nota A

*Era por manhã de Maio
Quando as aves a piar...*

O mês de Maio foi sempre o válido dos poetas populares de todas as nações: um sem número de cantigas dos trovadores provençais, dos menestréis normandos e saxónios, dos *minnesingers* alemães começam com estas alegrias do mês de Maio. Citarei dos *minnesingers* de que encontro apontamentos por serem os menos conhecidos

entre nós. Uma bela canção do tirolês Steinmar começa:

*Ich will gruen mit der sat
Dú so wunneklichen stat;
Ich wil mit dien biuomen bluen,
Und mit den vohelin singen
Ich wil louben so der walt,
Sam du heide sin gestalt, etc.*

Outra do margrave Otão de Brandeburgo:

*Uns kumt aber ein liehter meie
Der machet manig herze fruat, etc.*

Estoutra do duque de Breslau é uma espécie de drama lírico entre o poeta, Maio, as flores, o bosque e o prado:

Ich clage dir, meie ich elage dir, sumer wunnel, etc.

Herzog Heinrich von Pressela, IV do nome, reinou de 1266 a 1299 e foi o objecto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais belas e extraordinárias composições daqueles séculos. (*Nota da segunda edição*).

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
